



HUBERTO ROHDEN

fundação ALVORADA

LÚCIFER e LÓGOS

HUBERTO ROHDEN

LÚCIFER E

LÓGOS

ROTEIRO DA JORNADA EVOLUTIVA DO HOMEM SUBCONSCIENTE,
ATRAVÉS

DO HOMEM CONSCIENTE, ATÉ O HOMEM SUPRACONSCIENTE.

UNIVERSALISMO

ADVERTÊNCIA

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência – *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo – um fazendeiro é *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* e nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa mas se escrevermos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

LÚCIFER E LÓGOS

Há 1500 anos antes da nossa era, um homem misterioso, Moisés, depois de ter absorvido a sabedoria dos mestres do Egito e de ter passado 40 anos nas estepes da Arábia, e se tornar um poderoso mago e um clarividente intuitivo, escreveu o *Gênesis*, onde narra a origem do mundo e do homem.

Em 1859, Charles Darwin, um dos maiores cientistas de nosso tempo, depois de profunda e intensa pesquisa na natureza, escreveu um livro extremamente erudito: *A Origem das Espécies*, onde trata da evolução do homem.

Em nossos dias, um moderno pesquisador e zoólogo, usando dos recursos do computador e de toda a ciência da informática, escreveu um livro intitulado: *O Macaco Nu*, cujo tema é a evolução do homem.

Nem um destes autores – nem Alexis Carrel, com o seu “O Homem, esse Desconhecido”, nem Teilhard de Chardin, com o seu profundo “O Fenômeno Humano”, responderam satisfatoriamente a angustiante problemática: *criação* ou *evolução*.

HUBERTO ROHDEN concilia estes dois conceitos-chaves: *criação* e *evolução*, afirmando que todos os finitos são *creados* pelo Infinito e todos os finitos *evolvem* através de muitos finitos.

Fato inédito é o paralelismo que o autor faz entre matemática e filosofia: “Não existe nenhuma espécie de potencialidade que, por si mesma, possa produzir algo maior do que ela mesma. A potencialidade 10 nunca produzirá 20; a potencialidade 50 nunca produzirá 100, pela simples razão por que o maior não está contido no menor, nem explícita nem implicitamente. O homem 100 não está no animal 50, nem potencial nem atualmente, nem implícita nem explicitamente; admitir semelhantes possibilidades é destruir toda a matemática, toda a lógica.

Daí se segue com absoluta certeza que o 100 da natureza do homem não veio do 50 da natureza animal, que o animal não é a causa do homem.”

LÚCIFER e LÓGOS, é uma densa e profunda análise da jornada evolutiva do homem pré-adâmico, através do homem ego, até o homem crístico, ou homem univérsico. ROHDEN, como sábio, cientista, filósofo e educador, transcende os vários autores que trataram deste assunto, completando-os magistralmente.

LÚCIFER e LÓGOS é um livro revolucionário. É um verdadeiro tratado de filosofia univérsica. Ler e estudar este livro é um dever de consciência.

PRELIMINARES

O título deste livro causará estranheza a muitos leitores.

Como é possível traçar um paralelo entre dois conceitos tão antagônicos: Lúcifer e Lógos?

Pedimos ao leitor que, por ora, se esqueça de tudo que sabe, ou julga saber, sobre Lúcifer, e tome a palavra simplesmente em seu sentido etimológico como lucifer, porta-luz.

No mundo físico, os livros sacros identificam lúcifer com a estrela matutina, prenúncio do sol; a estrela d'alva é lúcifer, precursora da luz solar.

No mundo metafísico lúcifer é a inteligência, como precursora de Lógos, a palavra grega para Razão, e que o autor do quarto Evangelho identifica com o Cristo cósmico: “No princípio era o Lógos...”

Lúcifer, o porta-luz, é a inteligência – Lógos é a luz, o Cristo: “Eu sou a luz do mundo.”

Quando o porta-luz funciona corretamente, conduz o homem à luz – quando se opõe à luz torna-se adversário, satan em hebraico, diábolos em grego.

O lúcifer humano tem a liberdade de ser adversário da luz, ou então arauto da luz. Quando lúcifer hostiliza a luz do Lógos, torna-se satan ou diábolos, inimigo do Cristo. Quando lúcifer é amigo da luz, torna-se ángelos, palavra grega para mensageiro ou arauto.

Lúcifer, a inteligência, tem a liberdade de ser pró ou contra a luz, de ser mensageiro ou então adversário do Cristo-Lógos.

O destino do homem, na sua encarnação terrestre, é um teste ou certame, da sua evolução. Disse um escritor moderno que Deus criou o homem o menos possível para que o homem se possa criar o mais possível. O mais possível que o homem se possa fazer é cristificar-se, o menos que ele se pode fazer é anticristificar-se, ou satanizar-se.

Desde que o homem emergiu das trevas noturnas da inconsciência do Éden e entrou na penumbra matutina da semiconsciência da Serpente, comendo do

“fruto da árvore do bem e do mal”, tem ele suficiente liberdade para decidir-se pró ou contra a Luz do mundo; desde esse remoto estágio evolutivo pode o

lúcifer da inteligência humana amar a Luz, e pode também hostilizar a Luz do Lógos.

O Verbo do nosso Eu pré-telúrico se fez carne aqui na terra na forma do nosso ego, que aqui vive alguns decênios no envoltório da personalidade humana –

para que? Para decidir a sua atitude pró-Luz ou contra-Luz.

Nos livros sacros, o Cristo cósmico, o Lógos ou Verbo, é descrito como a primeira e mais perfeita emanção da Divindade, o “unigênito do Pai” (João), o

“primogênito de todas as criaturas” (Paulo de Tarso). Esta emanção se deu

“no princípio”, isto é, anteriormente à criação do Universo físico.

O Cristo-Lógos, mais tarde, se revestiu da natureza humana e apareceu visivelmente no planeta Terra na pessoa de Jesus de Nazaré, e a tal ponto cristificou o seu Jesus humano que a ele se uniu inseparavelmente. De maneira que a humanidade existe Cristo-remida na pessoa de Jesus de Nazaré, e essa Cristo-redenção pode ser o prelúdio para outras Cristo-redenções de pessoas humanas, suposto que sejam redimíveis. Cada ser humano é potencialmente o que Jesus é atualmente: Cristo redimível. Atualizar essa potencialidade crística é o destino supremo da encarnação terrestre de todo o homem.

O estágio da nossa vivência terrestre é, pois, o cenário ou a arena em que o homem ou se cristifica ou se anticristifica, se realiza ou se desrealiza, se decide pró ou contra o Lógos. Verdade é que essa vivência pró ou contra Cristo continua alhures – “há muitas moradas em casa de meu Pai” – mas o início dessa decisão é a nossa vivência telúrica.

Nas páginas deste livro tentamos esclarecer o leitor sobre as diversas fases

dessa evolução da nossa natureza.

DO ÁNTHROPOS AO ANÉR E À GYNE

Durante 40 anos de solidão nas estepes da Arábia, e, possivelmente, na Índia, visualizou Moisés intuitivamente a origem e evolução do mundo e do homem.

O mundo não era ainda o cosmo atual de hoje, senão apenas um caos, um cosmos potencial. E assim também o homem não era ainda *anér* nem *gyné*, mas o primitivo *ánthropos*, um ser hominal, no qual dormiam as potencialidades bipolares para os dois sexos.

Nos primeiros capítulos do Gênesis, escreve Moisés que os *Elohim* (potências divinas) fizeram o homem macho-fêmea, ou, no texto masorético primitivo, *zakar* e *ngebah*, que a Septuaginta grega traduziu por *arsen* e *thelys*, palavras que significam literalmente os órgãos genitais masculinos e femininos. Quer dizer que as funções masculinas e femininas existiam apenas potencialmente no primitivo *ánthropos* e só mais tarde se desenvolveram atualmente.

Se assim não fosse, não teriam sentido algum as palavras referentes ao primeiro ser humano, “que estava só”, e, depois de fazer desfilar todos os animais do Éden, “não encontrou nenhum semelhante a ele”. Evidentemente o Adam do Gênesis não encontrou nenhum ser da mesma natureza que ele, porque ele era um *ánthropos*, um ser hominal, ao passo que as outras criaturas eram seres animais. Mas esse *Adi-aham* (primeiro ego), que o Gênesis chama Adam, não

era ainda atualmente *anér* nem *gyné*. Essa bifurcação em macho e fêmea se deu mais tarde, após o sono cósmico que os *Elohim* fizeram vir sobre ele.

A natureza entomológica nos dá um maravilhoso paralelo a esse estado potencial de incubação que se atualiza na eclosão: a lagarta não tem sexo; mais depois de “adormecer” na crisálida, se bifurca em macho e fêmea, eclodindo em borboleta masculina ou borboleta feminina.

Quando as Potências Divinas fizeram Adam cair no misterioso sono cósmico, viu ele a sua *Ava*, palavra sânscrita para “reflexo” ou “imagem”. E então percebeu Adam que a sua Eva era “carne da sua carne e osso de seu osso”, era um ser humano, o pólo feminino complementar ao seu pólo masculino, ambos oriundos do mesmo *ánthropos* primitivo. E logo reconheceu que essa bifurcação dos sexos tinha por fim a perpetuação da espécie humana: “ela será a mãe de todos os viventes”.

O caos animal passara a ser um cosmo masculino-feminino. A tese neutra se desdobrara nas antíteses positiva-negativa, para que esses dois pólos complementares pudessem realizar a síntese da humanidade.

O nosso Gênesis refere a origem da primeira mulher como sendo feita de um osso, ou duma costela do homem. O Gilgamesh da Assíria e Suméria, muito anterior ao Gênesis, diz que a mulher se originou da “vitalidade” (*ti*, em assírio) do homem. Donde essa tradução “osso” ou costela? Sendo que os glóbulos vermelhos do sangue se originam na medula dos ossos, essa vitalidade (*ti*) foi identificada com o próprio osso, dando origem a esse equívoco de “costela de Adam”. Segundo os documentos antiquíssimos do Gilgamesh e do Gênesis, a primeira mulher é uma espécie de irmã gêmea do primeiro homem; porque ambos oriundos do mesmo *ánthropos* primitivo. Este *ánthropos*, porém, não era um animal, mas sim uma entidade hominal diferente das outras criaturas já existentes, segundo o texto do Gênesis.

A ORIGEM DO HOMEM À LUZ DA MATEMÁTICA E DA CIÊNCIA

Na matemática, diz Einstein, reside o princípio creador. A matemática é, segundo ele, absolutamente certa, enquanto abstrata.

A matemática não é outra coisa senão a consciência da Realidade, que também se pode chamar Verdade, Lógica, Metafísica.

Segundo a matemática, o efeito não pode ser maior que sua causa; uma causa menor não pode produzir um efeito maior. O menor não pode conter o maior, nem atualmente nem potencialmente. Quando o efeito maior parece ser causado por uma causa menor, então esse menor não é a *causa*, mas apenas uma *condição*, ou um veículo do maior.

Assim, por exemplo, uma semente não é a verdadeira causa da planta; um ovo não é a causa da ave, porque a planta ou a ave são maiores, mais perfeitos, do que a semente ou o ovo. Neste caso, a semente ou o ovo são condições para o aparecimento da planta ou da ave, mas não são a sua causa.

A causa é sempre um agente *intrínseco* do efeito, ao passo que a condição é apenas um agente *extrínseco*.

Uma semente colocada sobre a mesa não produz planta, por sinal que não é a causa; mas, quando colocada em terra úmida com suficiente calor solar, brota em planta. Neste caso, é o próprio cosmos a causa, atuando pela semente, que é condição para a atuação da causa.

O mesmo se dá com o ovo: quando incubado, exposto à atuação da causa cósmica, produz a ave.

A chamada *potencialidade* é a idoneidade da condição para servir de veículo ou agente intermediário entre a *potência* e o efeito.

A potência é a verdadeira causa ou fonte do efeito, ao passo que a potencialidade funciona como condição ou canal para veicular o conteúdo da potência através da potencialidade rumo ao efeito.

Por exemplo: um encanamento não produz água, se não estiver ligado a uma fonte. O encanamento funciona como veículo intermediário entre a fonte e a torneira. Se houver no encanamento apenas uma tonelada de água, não pode sair da torneira mais de uma tonelada, nem que alarguemos a bitola do

encanamento. Mas, se ligarmos o encanamento a uma nascente de água permanente, então podem sair da torneira milhares de toneladas, embora o encanamento seja apenas de meia polegada.

O maior erro que certas teorias chamadas científicas cometem sobre a origem do homem é um erro fundamental de matematicidade: admitem essas teorias a possibilidade de um efeito maior produzido por uma causa menor. Todos admitem que o homem é algo maior do que o mais perfeito dos animais. Se dermos ao homem o grau de 100, e ao animal mais perfeito o grau de 50, não podemos admitir que o 100 do homem tenha vindo do 50 do animal.

Um dos mais conhecidos escritores modernos, Erich von Daeniken, acha tão impossível derivar o homem do animal, sem assassinar a lógica e a matemática, que concebeu a idéia fantástica de que o homem foi trazido de outras regiões do Universo pelos deuses astronautas.

Em face desta absoluta impossibilidade matemática, certas teorias evolucionistas apelam para uma “potencialidade evolutiva” do animal. Esse apelo para uma suposta “potencialidade evolutiva” é, na realidade, uma camuflagem, uma fuga para dentro das trevas da anti-matematicidade e de um ilogismo absoluto.

Não existe nenhuma espécie de potencialidade que, por si mesma, possa produzir algo maior do que ela mesma. A potencialidade 10 nunca produzirá 20; a potencialidade 50 nunca produzirá 100, pela simples razão por que o maior não está contido no menor, nem explicitamente nem implicitamente. O

homem 100 não está contido no animal 50, nem potencialmente nem atualmente, nem implícita nem explicitamente; admitir semelhante possibilidade é destruir toda a matemática, toda a lógica.

Daí se segue com absoluta certeza que o 100 da natureza do homem não veio do

50 da natureza do animal, que o animal não é a causa do homem.

O que aconteceu e o que a ciência provou é que o corpo humano fluiu através de corpos animais. Mas a verdadeira *causa* não está no corpo humano relativamente ao corpo animal. A diferença essencial está em outra parte. Há um abismo intransponível entre o *corpo* e a *mente*. Nunca um corpo se transformou em mente por seu próprio poder intrínseco – assim como nunca o 50 pode dar um 100 por virtude própria.

Se apareceu no homem algo essencialmente maior do que aquilo que existe no animal, esse *maior* não veio do corpo animal nem do corpo do homem, mas veio de alguma causa ou fonte essencialmente maior do que o corpo animal ou o corpo humano.

Essa causa ou fonte chamamos *potência*, que pode fluir através de *potencialidades*, canais ou condições.

Todas as potencialidades e todos os efeitos vieram da infinita potência do cosmos, da alma do Universo.

Esta matematicidade lógica vale não somente do homem, mas de todo e qualquer outro ser da natureza: *todos os finitos vieram do Infinito, embora um finito possa ter fluído através de outro finito.*

A matemática afirma que todo o finito é *causado* pelo Infinito.

A ciência demonstrou que todos os finitos são *condicionados* ou veiculados por outros finitos.

Na matemática reside o princípio *creador* – na ciência está o processo *evolutivo* (ou criador).

Creação e *evolução* são dois conceitos que se completam mutuamente: todos os finitos são *criados* pelo Infinito, e todos os finitos *evolvem* através de outros finitos.

Esta evolução de finito a finito seria impossível, se, no princípio dessa cadeia evolutiva, não existisse o princípio *creador* – assim como as águas não podem fluir através do encanamento, se não há uma fonte inicial, anterior ao encanamento.

As potencialidades evolutivas supõem inexoravelmente uma potência creadora.

A criação se manifesta parcialmente através da evolução. Não há evolução sem criação.

O homem veio do Infinito através de muitos finitos.

Certa teologia ensina que o homem veio diretamente do Infinito, sem ter fluído através de finitos – o que é contra a ciência.

Certa ciência admite que o homem veio somente de finito a finito – o que é contra a matemática.

A verdadeira filosofia, que é a perfeita síntese entre a matemática e a ciência, sabe que o homem, como aliás as outras criaturas, vieram do Infinito através de finitos.

A Filosofia Univérsica é a mais perfeita síntese entre o princípio creador da matemática e o processo evolutivo da ciência.

EVOLUÇÃO DO HOMEM

À LUZ DA CIÊNCIA

Nesses últimos anos apareceu a tradução de um livro o “Macaco nu”, como o autor inglês chama o homem. O livro é um primor de exposição sobre a evolução do homem-ego, através de séculos e milênios. Mas, no tocante à origem do homem como tal, nada sabe o autor; ele é mestre na ciência evolutiva, mas é analfabeto na matemática criativa.

Einstein diz que “o princípio creador reside na matemática”.

A criação é a transição do Infinito para o Finito, ao passo que a evolução é a continuação de um Finito menor para outro Finito maior. Não poderia haver essa continuação evolutiva, se não lhe precedesse o início criativo. Além disto, é absolutamente impossível que uma potencialidade menor passe para uma potencialidade maior sem que, anteriormente a esse processo, exista uma Potência Máxima. Um encanamento, por maior que seja, nunca fornecerá água, se, antes dele, não existir uma fonte ou nascente de água.

Desde o século passado, a ciência fala em evolução. O grande cientista Charles Darwin descreve maravilhosamente esse processo evolutivo dos animais e do homem.

Mas, como fizemos ver em capítulo anterior, toda a evolução supõe a criação.

Por criação não entendemos o processo teológico de uma *creatio ex nihilo*, da origem de algo do Nada; entendemos, sim, o processo da manifestação de um algo finito do Todo Infinito. Quando o Todo, o Infinito, o Uno, se manifesta parcialmente numa parte, num finito, num Verso, temos a criação; o Uno se manifesta no Verso, o Creador se revela na creatura.

Quase todos os nossos livros escolares sobre o homem frisam o processo da evolução, mas se esquecem da criação. Criação não é um conceito religioso, dogmático, bíblico; mas é um axioma rigorosamente matemático e lógico.

A ciência fala da evolução do homem – a matemática exige a criação do homem, ou de outro finito qualquer.

A ciência se ocupa do processo da continuação de um finito menor para um finito maior – mas a matemática se ocupa com o início do primeiro finito. E, como não é possível um finito que não suponha o Infinito, Einstein afirma que o princípio creador reside na matemática. É da mais pura matematicidade admitir

o Infinito como Fonte ou como Causa do Finito; somente o Uno pode explicar o Verso do Universo.

Anterior a todas as *potencialidades evolutivas* está a *potência criativa*.

O homem veio do Infinito, como do Infinito vieram todos os outros finitos, desde o átomo ou qualquer outro finito anterior a ele. A própria luz pré-atômica é um finito, que supõe o Infinito. A primeira palavra do Gênesis de Moisés “no

princípio Deus creou a luz” é tão matemática como a frase de Einstein “o princípio creador reside na matemática”. Por matemática não se entende a ciência de alguma facticidade, mas sim a consciência da Realidade.

Por isto, é um processo falho e imperfeito querer explicar o fenômeno homem limitando-se à sua evolução e esquecendo-se da sua criação. Há quem diga

“eu admito a criação, e não a evolução”. Outros dizem “eu aceito a evolução, mas não a criação”. Tanto estes como aqueles estão com uma meia-verdade.

A verdade integral é esta: “Eu aceito tanto a criação como também a evolução”; como matemático aceito o princípio creador, como cientista aceito a continuação evolutiva. Naturalmente, repetimos, criação não quer dizer algo oriundo do Nada, mas sim algo oriundo do Todo.

É da íntima natureza do Uno manifestar-se no Verso, primeiro num Verso simples, primitivo, pouco complexo. Pouco a pouco, esse Verso simples passa a ser um Verso mais e mais complexo, mais diferenciado. A ciência descreve esse processo evolutivo. Também o homem faz parte desse processo do mais simples para o mais complexo. Mas, esse processo seria impossível, tanto no mundo da natureza como no mundo do homem, se por detrás das potencialidades evolutivas, não existisse uma potência creadora. Na natureza, essa potência creadora, ou Inteligência cósmica, age soberanamente, incondicionalmente, automaticamente – ao passo que no homem ela age condicionada pelo livre-arbítrio, que pode dificultar e até frustrar a ação da potência creadora. Neste sentido, escreveu um pesador moderno: “Deus creou o homem o menos possível para que o homem se possa criar o mais possível.” Mas, esse “o mais possível” tem a sua contraparte no “o menos possível”. O homem pode acelerar a sua evolução, e pode também retardar, e até impedir totalmente a sua evolução.

Exemplo clássico é a parábola dos talentos, onde os dois primeiros servos criaram o dobro do que de Deus haviam recebido, e foram chamados “servos bons e fieis” – ao passo que o terceiro servo não creou nada pelo poder do seu livre-arbítrio, e foi chamado “servo mau e preguiçoso” e perdeu até aquilo que havia recebido de Deus.

Certos teólogos ensinam que o homem foi creado diretamente tal qual existe hoje, sem evolução alguma.

Desde o século passado certos cientistas só admitem evolução sem criação.

Se os últimos pecam por falta de matemática, os primeiros pecam por falta de ciência.

A verdadeira filosofia, porém, aceita tanto o princípio creador da matemática como também o processo evolutivo da ciência.

O homem veio da Infinita Potência e fluiu através de muitas potencialidades finitas.

CREAÇÃO E EVOLUÇÃO SEGUNDO

SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho viveu nos séculos IV e V da nossa cronologia. Foi o maior filósofo neo-platônico do seu tempo e um dos maiores pensadores filosófico-teológicos do cristianismo desses quase 20 séculos.

No meu livro AGOSTINHO descrevi a vida dramática desse genial africano e analisei algumas das suas 103 obras, que, felizmente, chegaram até aos nossos dias.

Todas as obras de Agostinho foram escritas num maravilhoso latim de sabor clássico. E eu tive a oportunidade de as perلustrar todas na própria língua original do autor.

No livro *De Genesi ad Litteram* discorre o grande pensador sobre o problema da criação e da evolução do mundo e do homem. Enfrenta a aparente contradição de dois textos: o do Gênesis, onde Moisés fala da criação dos mundos em 6 dias, e do livro Eclesiastes, onde Salamão afirma que “o Eterno creou tudo duma só vez.”

Agostinho discorre com genial agudeza sobre esses textos, fazendo ver que não há contradição, porque Deus creou *simultaneamente* todo o mundo em estado *potencial*, mas, através dos períodos cósmicos, esse mundo potencial se desenvolveu *sucessivamente* rumo ao estado *atual*. E o filósofo joga com o paralelismo da semente e da planta, mostrando que a planta está contida *causaliter et potentialiter* na semente; que a semente é a própria planta em estado potencial, assim como a planta é a semente em estado atual.

Quem lê estas palavras tem a impressão de estar assistindo a conferência de um cientista ou filósofo moderno, ou de estar lendo um tratado de lógica de Kant ou um livro de matemática de Einstein.

Agostinho sabe realizar essa acrobacia mental com incedível precisão e acribia de uma irrefutável lógica e matematicidade.

Depois disto, passa o grande pensador à criação e evolução do homem, afirmando que também o homem foi creado pelo Eterno nesse único ato creador; o homem estava contido potencialmente na onipotência creadora desse ato

divino, não no estado atual de hoje, mas assim como o cosmos estava no caos e como a planta está na semente.

Ora, conclui o filósofo, tanto o estado potencial como o atual é um estado *real*.

O homem potencial era um homem real, embora ainda não atualmente realizado. Não era um animal, que não é um homem real, nem potencial nem atualmente.

É deveras estranho que certos evolucionistas de nosso tempo não tenham atingido o vigor e a clareza da lógica desse genial africano do século V, afirmando que o homem de hoje é a transformação de um animal pré-histórico.

Agostinho percebeu nitidamente que ninguém se torna o que não é, que ninguém pode vir a ser *explicitamente* o que hoje não é *implicitamente*. Um coco, por exemplo, nunca produzirá um carvalho, porque, no estado de coco, já é implicitamente o que o coqueiro será explicitamente.

Agostinho estabelece uma perfeita síntese entre *criação* e *evolução*, e não vê nenhuma incompatibilidade entre esses dois conceitos, como acontece com certos teólogos, filósofos e cientistas de nossos dias. Há quem diga “eu aceito a criação e rejeito a evolução”; ou vice-versa “eu aceito a evolução e rejeito a criação”. Somente quem não sabe pensar logicamente descobre incompatibilidade entre criação e evolução, entre início e continuação.

Mas, vamos transcrever uma página textual, em vernáculo, da lavra do próprio autor:

“O Eterno creou tudo de uma vez (Ecl. 17,1). O Universo é comparável a uma grande árvore, cuja beleza jaz desdobrada aos nossos olhos, no tronco, nos ramos, nas folhas e nos frutos. Não foi num ápice que tal organismo nasceu.

Bem lhe conhecemos a evolução: originou-se da raiz que o germe lançou terra a dentro, e desta origem desenvolveram todas as formas. De modo análogo, teremos de conceber o Universo: se está escrito que Deus creou tudo de uma vez, quer dizer que tudo quanto existe no Universo estava encerrado naquele único ato creator – não somente o céu com o sol, a lua e as estrelas, não somente a terra e os abismos da terra, mas tudo quanto se ocultava na força germinadora dos elementos, antes que, no decurso dos períodos cósmicos, se desenvolvesse, assim como está visível diante de nós nas obras que Deus crea até ao presente dia. Por conseguinte, a “obra dos seis dias” não significa uma sucessão

cronológica, mas representa uma disposição *lógica*. Também o homem faz parte dessa criação em germe: Deus o creou, assim como creou a erva da terra antes que ele existisse. Creou-os como varão e mulher e abençoou-os – creou-os segundo a força que a palavra de Deus, no único ato creador, depositou em germe no seio do mundo, força que, no decurso cronológico da evolução, leva tudo sucessivamente ao desdobramento, fazendo aparecer, a seu tempo, também Adão, “do elemento da terra”, e sua mulher “do lado do varão”. Porque, do mesmo modo que a Escritura faz surgir o homem “do elemento da terra”, faz originar-se também da terra os animais do campo. Se pois Deus formou da terra tanto o homem como o animal, que

vantagem tem então o homem sobre o animal? O que o distingue é somente isto: que o homem foi creado segundo a imagem de Deus; isto é, o homem não segundo o corpo, mas apenas segundo a alma.”

Com estas palavras não nega Agostinho a alma espiritual do homem, que não veio do animal, mas do Eterno, embora os seus invólucros materiais tenham fluído através dos mesmos canais dos organismos vivos. A Potência do Eterno é a fonte e causa única de todas as potencialidades temporárias.

Agostinho faz jus à matemática, na qual, segundo Einstein, “reside o princípio creador” – e faz jus também à ciência, que afirma o processo evolutivo do mundo e do homem.

A nossa Filosofia Univérsica é uma perfeita síntese entre matemática e a ciência.

FECUNDAÇÃO HILOPLASMÁTICA OU BIOPLASMÁTICA

Há séculos que as teologias ocidentais discutem em que consistia a chamada queda do homem, a que se refere o Gênesis. Ultimamente, um escritor fantasioso aventou a hipótese de que o homem teria sido importado de outro planeta como um ser superior, e aqui na terra se acasalou com uma fêmea animal, originando assim a decadência da raça humana.

No Gênesis, Moisés usa uma linguagem alegórica tanto na formação do macrocosmo sideral, como também na do microcosmo hominal. No tocante à queda do homem, diz que havia no Éden uma árvore da qual o homem não devia comer, e, se dela comesse, morreria. O homem, sob a sugestão da serpente (inteligência), comeu do fruto dessa árvore. E os *Elohim* amaldiçoaram o homem e a mulher por terem comido do fruto proibido que estava no meio do paraíso.

Os nossos teólogos, analisando exotericamente estas palavras de intuição esotérica, chegaram a interpretações que eram de esperar, fazendo crer que se tratava duma determinada fruta proibida por Deus.

O contexto do Gênesis insinua o seguinte: o fruto proibido da árvore que estava no meio do Éden eram os órgãos genitais, que se acham no meio do corpo humano. Os *Elohim* haviam dado ordem aos homens: “Evolvei e multiplicai-vos”; mas os homens se multiplicaram *antes* de evolverem; praticaram procriação animal, em vez de evolverem rumo a uma procriação hominal.

Como seres de uma categoria superior, deviam multiplicar-se de um modo correspondente a essa categoria, e não segundo a natureza puramente animal.

Daí a ordem “evolvi”, falsamente traduzido por “cresci”. O primeiro casal era de pessoas adultas, que não tinham de crescer fisicamente; mas tinham de crescer ou evolver metafisicamente, antes de se multiplicarem.

Como seria essa fecundação hominal não-animal?

Aqui estamos em face dum eterno mistério. A nossa humanidade não conhece nenhuma procriação diferente da procriação tipicamente animal.

Ultimamente, a nossa ciência fala em *corpo bioplasmático*. Desde as experiências do casal russo Kirlian, fazemos fotografias de corpos luminescentes, invisíveis aos nossos olhos. A ciência deu a esse corpo astral o nome significativo “bioplasmático”, isto é, formador de vida. Está provado que

este corpo invisível vitalizante subjaz ao corpo visível. Uma folha de planta é fotografada, e revela o corpo luminescente; cortando parte da folha material e fotografando-a de novo, aparece ainda o mesmo corpo imaterial. O corpo bioplasmático, como se vê, independe do corpo material. É anterior a ele, e permanece posterior ao corpo físico. O corpo bioplasmático (*bios* = vida) gera o corpo hiloplasmático (*hyle* = matéria).

A vida (*bios*) pode ser considerada como energia pura, descongelada, a passo que a matéria (*hyle*) é energia congelada, segundo as conhecidas palavras de Einstein.

No homem atual, ainda próximo da animalidade, a matéria corpórea se acha em estado de congelamento, ou passividade. Se o homem evolvesse ascensionalmente, o seu corpo seria menos congelado, menos material, e mais descongelado, mais imaterial. E, nesse estado superior de evolução, a fecundação seria possível sem contato físico, bioplasmaticamente, em vez de hiloplasmaticamente, como hoje.

À luz das palavras do Gênesis, é de supor que Moisés, graças a sua clarividência intuitiva, soubesse dessa evolvibilidade do corpo humano. Sabia também que, por algum motivo, essa evolução foi sustada indebitamente. E os homens continuaram a procriação hiloplasmática em lugar de uma procriação bioplasmática. A fecundação astral daria um produto perfeito, sem as mazelas inerentes à geração material. Os órgãos sexuais seriam os mesmos internamente, mas a fecundação seria feita através da “potência mais alta”, mediante um “sopro sagrado”, palavras essas que Lucas emprega na fecundação do corpo de Jesus.

Esse processo imaterial de fecundação nada tem que ver com uma suposta incompatibilidade entre sexo e espiritualidade, ignorada pelos autores do

Evangelho; a sua finalidade é puramente metafísica, visando um corpo biogerado, em vez de hilogerado.

O Gênesis diz que o homem não devia comer do fruto que estava no meio do Éden; de contrário morreria. Mas, pelos livros sacros, sabemos que o primeiro casal viveu ainda séculos, depois de ter comido do fruto proibido.

É geral nos livros sacros o emprego do termo “morrer” ou “morte”, quando se referem à permanência do homem no plano do ego, que não pode imortalizar-se por si mesmo. Os homens, pela geração material, não possuem imortalidade mas continuam na mortalidade do animal.

No Evangelho Jesus manda que “os mortos sepultem seus mortos”, usando a palavra morto uma vez para a ausência da vida espiritual e depois como materialmente morto. O filho pródigo, diz o Pai, estava “morto e reviveu”,

estava no ego e subiu ao Eu. O Cristo virá para julgar “os vivos e os mortos”, os que estão no Eu espiritual e os que estão no ego mental.

O “primeiro Adam” do Gênesis, embora tivesse a potencialidade remota de superar o ego mortal, não o superou – ao passo que “segundo Adam”, o do Evangelho, superou o ego mortal e entrou no Eu imortal; e o corpo de Jesus humano era o produto de uma fecundação imaterial, como referem os Evangelhos de Mateus e de Lucas, como veremos em outro capítulo; José era o pai real, embora não material de Jesus.

O texto do Gênesis faz crer que os primeiros homens podiam multiplicar-se hominalmente desde o princípio, caso evolvessem para uma dimensão superior ao animal. Mas convém não esquecer que os clarividentes e os cosmovidentes intuem os eventos independentemente de tempo e espaço; para eles não existe a nossa duração e a nossa dimensão; eles enxergam o futuro como o presente. O que Moisés visualizou como presentemente possível no seu tempo pode tornar-se futuramente possível. Mas, como a evolução vai com passos mínimos em espaços máximos, a reprodução genuinamente hominal pode realizar-se um dia, em lugar da atual reprodução animal. Dormitam nas profundezas da natureza humana potencialidades ilimitadas, que, cedo ou tarde, podem eclodir em atualidade. Pode haver antecipação isolada; pode ocorrer uma atualização de potencialidades milhares de anos antes que aconteça no grosso da humanidade; pode realizar-se em indivíduos excepcionais algo que no grosso da humanidade

se realizará milênios posteriores.

A hipótese de que o homem não passe de um animal aperfeiçoado, prima por uma superficialidade espantosa. Uma semelhança de invólucros corpóreos entre homem e animal não prova a identidade do conteúdo deste e daquele.

Mas, se o ser hominal é de uma categoria essencialmente diferente da categoria animal, cedo ou tarde o curso da sua evolução será diferente.

O Gênesis menciona ainda outra árvore, a “árvore da vida”, da qual o homem não comeu ainda e que o preservaria da morte ocasionada pela ingestão do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Dessa árvore da vida comeria o homem depois de ter superado o poder da serpente, que o induziu a comer da árvore da morte. E o poder da serpente seria superado por um poder maior que o da serpente; uma supra-serpente derrotaria a infra-serpente; o Eu cosmo-consciente derrotaria o ego-consciente; a razão espiritual superaria o intelecto mental; o Lógos ultrapassaria o Lúcifer.

O corpo humano de Jesus, pelo qual o espírito divino do Cristo apareceu aqui na Terra, não foi gerado pelo poder da serpente horizontal do ego, mas pela potência da supra-serpente vertical do Eu. “Assim como Moisés, no deserto, ergueu às alturas a serpente, assim deve também o Filho do Homem ser erguido às alturas, para que todo aquele que tiver fidelidade com ele não

pereça, mas tenha a vida eterna.” Com estas palavras se refere o Evangelho ao poder espiritual do Lógos, que superou o poder mental de Lúcifer.

É a visão duma humanidade vindoura.

FILHO DE MULHER – FILHO DO HOMEM

Nada menos de 82 vezes ocorre nos livros sacros a expressão “Filho do Homem”, e esta expressão é aplicada exclusivamente a Jesus, o Cristo. João Batista é, segundo Jesus, “o maior entre os filhos de mulher, mas o Filho do Homem é maior do que ele”.

Sabemos pelos Evangelhos que João era filho de Zacarias e de Isabel; que foi concebido do mesmo modo como os outros seres humanos, pelo contacto físico entre homem e mulher. Verdade é que houve a intervenção do *gabriel*, palavra hebraica para “esposo (gabriel) divino” (Deus); porque Isabel era estéril, e, como tal, não podia conceber um filho. A esterilidade dela foi removida pela intervenção do gabriel, mas o resto foi uma concepção normal; e, por esta razão, João é chamado “filho de mulher”.

No caso de Jesus, porém, não temos uma concepção semi-material, mas totalmente imaterial. Segundo os evangelistas Mateus e Lucas, não houve contacto físico entre José e Maria. E, contudo, ambos afirmam a paternidade real de José, por sinal que traçam genealogias milenares de Jesus, através de José. Se José não fosse o pai real de Jesus, essas genealogias não teriam sentido algum, e os evangelistas teriam procedido absurdamente, perdendo o seu tempo com a descrição de canais que nada teriam que ver com Jesus. É

evidente que os evangelistas supõem uma ligação real entre José e Jesus, ao mesmo tempo que negam uma dependência material entre eles. Mateus diz explicitamente: “Genealogia de Jesus Cristo”, e depois faz seguir a genealogia de José, por sinal que a genealogia de Jesus é a genealogia de José.

Os evangelistas querem mostrar com estas genealogias através de que canais milenares fluiu o elemento vital que atuou sobre Maria no momento da fecundação. E eles, embora tacitamente, supõem que também Maria estava em condições para receber o impacto desse elemento vital de José, sem contacto físico; tanto assim que ela, ao ouvir que ia ser mãe, fez uma cautelosa sondagem, dizendo que não conhecia varão, isto é, um marido material; e somente quando

ouve a confirmação duma fecundação imaterial é que concorda com a mensagem do chamado Gabriel, e responde: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.”

Neste momento, o Verbo, o Cristo-Lógos se fez carne; neste momento, o elemento vital de José atuou invisivelmente sobre o elemento vital de Maria.

Em 1969 visitei Nazaré, e vi, na “Casa de Maria”, um grande retábulo em alto relevo, representando a cena da anunciação; mas, em vez dum anjo com asas, o inspirado artista representou um José jovem como Gabriel, isto é, um José em corpo astral, ou, como se diz hoje, *bioplasmático*. Desde as recentes experiências do casal russo Kirlian, sabemos que o corpo vital, ou bioplasmático, é a base do corpo material. Os nossos cientistas conseguem hoje fotografar o corpo bioplasmático de plantas e animais, corpo imaterial, luminescente, que persiste mesmo depois da destruição do corpo material.

Bios é a palavra grega para vida; *plasm* é formar. O corpo bioplasmático é o elemento vital que forma o corpo material.

No homem animal, esse corpo imaterial não é devidamente desenvolvido, e por isto o homem comum só pode procrear através do corpo material, como qualquer animal. A ordem que os *Elohim*, ou potências divinas, haviam dado ao primeiro casal “evolvi e multiplicai-vos” não foi realizada por eles e no grosso da humanidade. A evolução hominal só deu do pescoço para cima, no cérebro, onde o homem se intelectualizou; mas não do pescoço para baixo, no coração e nos órgãos genitais. O homem aprendeu a pensar, mas não sabe ainda amar nem gerar humanamente. O homem, em vez do amor, tem libido; em vez de gerar humanamente, ainda gera animaismente.

Esta semi-evolução, em vez de uma pleni-evolução provocou, segundo o Gênesis, a maldição do homem pelos *Elohim*. O homem estagnou a meio caminho da sua homificação. Só de longe aparece um espécime de homem plenamente homificado, antecipação de uma humanidade futura.

No caso de José – e concomitantemente de Maria – aparecem seres humanos em evolução total. Por isto, o corpo de Jesus, bioplasmaticamente produzido em vez de hiloplasmaticamente, era um corpo perfeito, sem doenças e sem a necessidade da morte compulsória.

Lucas, o médico grego, descrevendo essa fecundação imaterial, usa termos tão

misteriosos e esotéricos que o homem profano e exotérico não os consegue compreender. Ao descrever os preliminares da encarnação do Verbo, fala em *pneuma hagian*, isto é, “sopro sagrado”, e em *dynamis hypsistou*, isto é, “potência do supremo”, quando quer indicar o elemento vital de José que atuou sobre Maria, realizando uma fecundação real não material, razão porque Maria continuou a ser virgem. Esse processo imaterial de fecundação nada tem que ver com supostos preconceitos anti-sexuais, desconhecidos entre os israelitas; mas visa mostrar a realização do que estava previsto no Gênesis: a geração do homem perfeito pelo amor espiritual.

Aconteceu no “segundo Adão” o que não aconteceu no primeiro.

O fato de José ignorar a sua paternidade faz crer que sua consciência astral não estava em conexão com sua consciência habitual; só depois que seu

gabri-el lhe afirma “Maria é tua mulher” é que ele a leva para sua casa.

Provavelmente, a concepção imaterial de Maria se deu durante um êxtase de meditação, no recinto subterrâneo, onde, segundo a tradição, ela recebeu a visita do “esposo divino” Gabriel.

Sendo que Jesus é um homem gerado de um modo 100% humano e 0%

animal, Ele se intitula a Si mesmo “o Filho do Homem”, ao passo que João Batista, gerado materialmente ainda é “filho de mulher”.

A nossa humanidade foi contaminada proto-geneticamente, desde a sua origem; não conseguiu ultrapassar até hoje a sua animalidade. A evolução intelectual do homem não atingiu a sua evolução emocional e material. Por isto, segundo os livros sacros, “o mundo jaz no maligno”, e Jesus afirma de si mesmo “Eu sou lá de cima, vós sois cá de baixo”, e diz que “o dominador deste mundo, que é o poder das trevas, tem poder sobre vós”.

O Evangelho de João se refere a essa geração imaterial do homem quando diz: “Os que recebem em si o Cristo recebem o poder de se tornarem Filhos de Deus, os que nasceram não do desejo do varão, nem do desejo da carne, nem (da fusão) dos sangues, mas de Deus”.

O misterioso retábulo que, em 1969, encontrei na Casa de Maria, em Nazaré, representa o momento da fecundação imaterial: de um lado, está José como

Gabriel, um José jovem, porque o corpo bioplasmático não envelhece; está com as mãos erguidas em atitude de dar algo. Do outro lado, está Maria, com as mãos baixas como que a receber algo. No meio dos dois está o símbolo do

“sopro sagrado” (espírito santo) ou da “potência suprema”, servindo de intermediário invisível entre o doador e a receptora do elemento vital que originou o corpo de Jesus. Anos antes de visitar Nazaré, havia eu escrito, no meu livro “Setas na Encruzilhada”, um capítulo sobre o “esposo divino Gabriel”

e “a paternidade metafísica de José”. Mais tarde vi confirmado, com grande surpresa, essa minha cosmovisão.

A presente humanidade não atingiu ainda as alturas da sua evolução superior.

Mas os livros sacros afirmam que a humanidade do futuro comerá do “fruto da árvore da vida”, e não apenas do “fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”. O homem apenas intelectualizado é um semi-homem; o homem espiritualizado será um pleni-homem. A integridade e a imortalidade do corpo substituirá as atuais enfermidades e a mortalidade compulsória. Em Jesus essa integridade e imortalidade corporal era presente de berço, como presente de berço será para a humanidade futura, quando “o reino dos céus será proclamado sobre a face da terra, e haverá um novo céu e uma nova terra”.

Somente uma sucessiva desanimalização e uma incessante homificação poderão originar essa nova humanidade, cujo habitáculo será este mesmo planeta terra. Dizem os nossos cosmonautas que contemplaram o planeta terra

das longinquidades da lua, que nossa terra, envolta num maravilhoso véu de gaze azulada, é o mais belo espetáculo do Universo.

Uma vez purificada das suas baixezas atuais, habitará a nossa humanidade o mais belo dos planetas – um novo céu e uma nova terra.

“PARA QUE O HOMEM NÃO COMESSE DO FRUTO DA ÁRVORE DA VIDA”

Diz o Gênesis que, depois que Adi-Aham (Adam) comeu do fruto da árvore do conhecimento, e assim abandonou o Éden, colocou Deus os querubins de espada versátil diante da entrada do paraíso, para impedir que o homem comesse do fruto da árvore da vida, que estava no meio do Éden.

Vai nestas palavras uma das mais profundas visões cósmicas sobre o drama milenar da humanidade.

Acabava o homem, na sua longa jornada evolutiva, de entrar na zona da consciência intelectual; tornara-se o Adi-Aham, o “primeiro ego”, isto é, um ser ego-consciente. Nele despertara Lúcifer a serpente, o intelecto.

Acabava o homem de cometer o seu grande e glorioso “pecado original”.

Que é, afinal de contas, esse “pecado original”, que o escolasticismo reduziu a um horripilante fantasma? Teilhard de Chardin tentou dar-lhe um sentido mais aceitável – será que o conseguiu?

Pecado original é exatamente o que essas duas palavras dizem: é o pecado, isto é, o erro, o engano, a ilusão do homem sobre a sua origem. O homem luciférico vive na ilusão da sua separação ou separatismo do grande Todo, Deus. Pelo fato de ter adquirido a consciência do ego tem ele a sensação de ser algo separado da grande Causa Universal, e tem vontade de construir uma autarquia à arte, de proclamar a sua autonomia e independência pessoal.

Ramana Maharishi, o grande iniciado hindu dos nossos dias, interrogado sobre o que é o pecado, respondeu: “Pecado é a ilusão duma existência separada.” E

o célebre historiador britânico Arnold Toynbee dá a mesma definição: “Pecado é a ilusão do ego que se julga separado do grande Todo.”

Quem foi que cometeu essa ilusão sobre a origem de Adi-Aham?

Foi o Lúcifer da inteligência unilateral, incompleta na sua visão. Antes do

advento do Lúcifer, quando o homem se achava ainda no tranquilo Éden dos sentidos, não havia esse pecado, esse erro, porque o homem pré-adâmico não estava ainda em condições de cair nessa ilusão de ser algo separado do grande Todo. Nenhum mineral, nenhuma planta, nenhum animal tem a consciência de estarem separados do Todo, uma vez que não possuem consciência suficiente para semelhante experiência. A consciência mineral,

vegetal, animal é vaga e difusa, não suficientemente focalizada para chegar à consciência personalista: Eu sou algo ou alguém separado do Todo! A obscura subconsciência mineral, vegetal, animal diz instintivamente a esses seres: Tu és uma parte integrante do grande Todo!

Mas, quando despertou Lúcifer, o intelecto, sugeriu ao homem a ilusão da sua separatividade do Todo. E sob o império de Lúcifer, Adí-Aham se considerou um ser autônomo, independente, separado de Deus, e procurou, e procura ainda, estabelecer o seu reino à parte, a sua ego-cracia.

A inteligência luciférica nos mantém presos nessa ilusão, nesse “pecado original”. É a nossa “persona”, isto é, “máscara”, a nossa ilusória

“personalidade”. Não é a nossa “individualidade”; esta nos diz que somos

“indivisos”, “não-divididos”, “não-separados” do Todo. Para além da nossa ilusória personalidade está a nossa verdadeira individualidade; mas o Lúcifer do intelecto, unilateral e míope como é, não percebe que, para além das aparências da nossa personalidade separada, está a nossa individualidade unida ao Todo. Só o Lógos da razão crística pode destruir essa ilusão de Lúcifer intelectual. Não é, pois, pela abolição da sua individualidade que o homem se cristifica e salva, mas é pela libertação da sua personalidade, essa “persona”

ou “máscara”, que não permite ao homem enxergar aquilo que ele realmente é: um “indivíduo”, um ser não-dividido do Todo, embora dele distinto. Pela essência universal, eu sou um com Deus; pela existência individual, eu sou distinto de Deus; mas essa distinção existencial não produz personalidade, separação, divisão, divisibilidade entre mim e Deus. Eu, o pequeno efeito, estou sempre imanente na grande Causa, e dele jamais me poderei separar, com o Lúcifer do intelecto pessoal me sugere falsamente. “Eu e o Pai somos um.”

O meu “pecado original” vem da minha ilusória personalidade separatista – a minha redenção vem da minha verdadeira individualidade unitiva; esta é o meu

Lógos, aquela é o meu Lúcifer. Importa que a minha cristo-consciência derrote a minha ego-consciência.

Ai do homem se ele se imortalizasse no plano do seu Lúcifer personalista! Se, depois de ter comido do fruto do conhecimento intelectual, comesse do fruto da imortalidade, e assim se eternizasse nessa zona da ilusão luciférica! Seria a estabilização e perpetuação dos dolosos problemas creados pela inteligência serpentina, seria a criação de um inferno de antíteses e conflitos sem fim.

Para que tamanha desgraça não acontecesse não permitiu a Constituição Cósmica que o homem, no estado do seu intelectualismo luciférico, entrasse no Éden e comesse do fruto da árvore da vida eterna. Só mais tarde, quando um poder mais alto tivesse “esmagado a cabeça da serpente”, quando o Lógos

tivesse integrado nos seus domínios o Lúcifer, só então poderia o homem entrar no Éden e comer do fruto da vida eterna. Mas o caminho único para essa redenção e imortalidade beatífica é o Lógos, ele que é “o caminho, a verdade e a vida”. “Ninguém vai ao Pai senão por mim.”

Entretanto, essa conquista do paraíso da imortalidade em Cristo só é possível a quem estiver disposto a romper o caminho através da espada vibrante do querubim que defende a entrada do Éden, porque “estreito é o caminho e apertada é a porta que levam ao reino dos céus”, “o reino dos céus sofre violência, e os que usam violência o tomam de assalto”. Essa violência não se dirige contra alguém fora de nós, mas contra o nosso próprio Lúcifer interno, contra o nosso personalismo separatista, toda a evolução ascensional requer sofrimento.

O pecado original provém da ilusão da nossa personalidade luciférica – a nossa redenção vem da verdade da nossa individualidade crística!

Fora da Verdade não há redenção ou auto-realização.

“Conhecereis a Verdade – e a Verdade vos libertará!”

A consequência dessa ilusão de separatismo do grande Todo, desse pecado ou

erro foi aquilo que muitos identificam com o próprio pecado: a tendência à procriação animalesca do homem, em vez duma perpetuação genuinamente hominal. A ilusão do separatismo obscureceu no ser humano a sua verdadeira natureza, o seu Eu divino, e só lhe fez ver o seu invólucro material, o seu ego humano – um animal intelectualizado.

E até hoje, o homem profano se considera como um animal intelectual, mas não como uma entidade espiritual. O pecado original renasce com cada homem; é um presente de berço, do qual nenhum batismo ritual o pode libertar, mas tão somente uma conquista da consciência. Enquanto o homem não despertar para a realidade do seu Eu divino, ultrapassando a ilusão do seu ego humano, não se libertou desse erro, desse pecado.

PORQUE O EU CÓSMICO SE FEZ

EGO TELÚRICO

Favor, a sua identidade!

É esta a ordem que toda a pessoa que queira viajar de avião ouve na saída do aeroporto.

Favor, a sua identidade!

E o viajante tem de mostrar ao representante da polícia um documento, preto sobre branco, onde consta e *onde* e *quando* do seu nascimento, e quais os canais humanos da sua entrada na vida terrestre.

Trata-se de responder à pergunta social: *quem sou eu?* O poder público não se interessa pelo problema individual: *quem sou eu.* Não se interessa pelo Eu cósmico, mas tão-somente pelo ego humano; não pela realidade do meu Eu, mas pelas facticidades do meu ego.

A minha verdadeira *identidade* não está em nenhum papel. O meu *idem*, o meu *autós*, o meu Eu, nada tem que ver com tempo e espaço e progenitores. O meu verdadeiro Eu é uma emanção individual da Realidade Universal, emanção que ocorreu fora desta terra, muito antes que meus pais me revestissem de um invólucro material. A origem do meu Eu não é terrestre, mas cósmica.

Favor, a sua identidade!

A minha identidade, a origem do meu *idem*, ou *autós*; remonta a milhões de anos e séculos, àquele tempo quando a eterna Divindade me fez emanar individualmente das sua Realidade Universal.

Ninguém sabe de *onde* e do *quando* da minha origem; o meu Eu cósmico não tem pai nem mãe – o meu Eu nasceu da Divindade.

Mas, agora surge a momentosa pergunta: por que o meu Eu cósmico se fez ego telúrico? Por que a minha individualidade divina se fez personalidade humana? Por que o meu Verbo se fez carne?

Qual o plano cósmico que está por detrás da minha encarnação terrestre? Por que o Eu da minha identidade apareceu aqui revestido pelo ego da minha alteridade?

Eu *sou* a identidade – eu *tenho* alteridade. A alteridade é uma roupagem que me foi emprestada por outros, para aparecer no cenário da terra, mas Eu não sou essa roupagem da alteridade do meu ego; Eu apenas tenho essa roupagem. Eu sou um ator no palco da vida, que se fantasiou com a *persona* ou máscara de um ego personal. O meu nascimento terrestre é o início da minha personalidade de mascarado – a minha morte será o fim dessa comédia ou tragédia que estou desempenhando no palco terrestre.

E esse drama da minha encarnação terrestre terá alguma finalidade razoável?

Aconteceu por acaso? Ou como punição? Ou talvez para uma evolução?

São estas as eternas perguntas da filosofia e da religião.

Há muito tempo, escreveu Chesterton, a humanidade perdeu os seus caminhos, mas agora perdeu também o seu endereço; não sabe donde veio, para onde vai, porque está aqui – o homem nem sabe quem ele é, “o homem, esse desconhecido”.

Qual a finalidade da vida terrestre?

Se não há acaso, então a minha encarnação terrestre não me pode ter acontecido por acaso, *casualmente*, mas *causalmente*. As leis cósmicas devem ter algum plano determinado com o meu aparecimento no cenário telúrico.

Por que eu vim aqui?

Na minha existência cósmica, pré-telúrica, eu era uma criatura de Deus, uma emanção individual da Divindade Universal. Eu era uma *criatura* – será que eu era também *criador*? Será que eu possuía algum poder criativo? Será que eu podia modificar o fato da minha criaturidade por algum fator de criatividade? Será que na minha existência pré-egóica podia eu criar-me melhor do que Deus me criou?

Parece que não.

Eu era simplesmente *criatura passiva*, mas não era ainda um *criador ativo*.

Entretanto, as leis cósmicas queriam que houvesse aqui na terra não só criaturas passivas, mas também um criador ativo.

E então as leis cósmicas mandaram que eu encarnasse num invólucro material.

Para quê?

Para estabelecer uma tensão, uma resistência, entre o meu Eu espiritual e o meu ego material, entre o meu *Ser* e o meu *agir*. Antes de ter o meu ego eu não podia agir, eu só podia Ser. Com a minha encarnação terrestre adquiri a possibilidade de agir.

E desde então eu sou fogo e água em conflito. Quando a água cai sobre o fogo, apaga o fogo.

Mas, quando o fogo é posto debaixo da água, esquentando a água, transforma a água

em vapor, e o vapor tem uma potência imensa, que a água não tem.

A água, dominando o fogo, destrói o fogo.

O fogo, dominando a água, beneficia a água.

O ego, dominando o Eu, destrói-o.

O Eu, dominando o ego, melhora-o.

“O ego é o pior inimigo do Eu, mas o Eu é o melhor amigo do ego.” “O ego é um péssimo senhor, mas é um ótimo servidor.”

O fogo do meu Eu divino se revestiu da água do meu ego humano para beneficiá-lo.

Estou aqui na terra para realizar um teste. As leis cósmicas querem que uma parte da matéria seja espiritualizada pelo poder do espírito. Para que a minha criaturida criada se transforme em criatividade creadora, para que a minha potencialidade creadora culmine em atualidade creadora – é esta a razão da minha encarnação terrestre. Se não houvesse tensão entre o meu Eu e o meu ego, não haveria criatividade em mim.

O meu Verbo se fez carne para que a minha carne se faça Verbo, para que a minha criaturidade objetiva culmine em criatividade subjetiva.

Parece que o supremo e único creador do Universo não quis monopolizar a sua Infinita criatividade; distribuiu-a em muitas criatividadees finitas; quis que houvesse criaturas creadoras, criaturas-deuses, e não apenas um Creador-Divindade. “Vós sois deuses.”

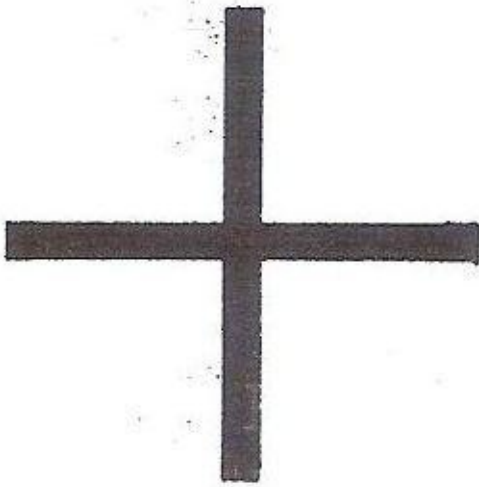
Será que Moisés quis dizer isto quando escreveu que o homem é “imagem e semelhança de Deus”? Que o homem é um creador subalterno, assim como Deus é o Creador supremo?

Aqui estamos para nos tornamos creadores, para nos crearmos mais do Deus nos creou. Deus me fez criatura *potencialmente creadora* – e eu me faço uma criatura *atualmente creadora*.

Toda a natureza extra-hominal é apenas criatura não creadora, mas o homem é

uma criatura criadora, imagem e semelhança do Criador.

Quando o senhor daqueles três servos da parábola dos talentos distribuiu os seus haveres, mandou que os servos trabalhassem com esses cabedais, deu-lhes criaturidade, potencialmente criadora, para que eles fizessem dessa



potencialidade criadora uma atualidade criadora. Os dois primeiros servos assim fizeram: de *creativos* se tornaram *criadores*, duplicando a sua criaturidade em criatividade. E são chamados “servos bons e fiéis”.

Apenas o terceiro servo se contentou com a sua criaturidade passiva, e não realizou nenhuma criatividade ativa – e esse é chamado “servo mau e preguiçoso”, e perdeu a sua própria criatividade, acabando em criatura não criadora. Quem não tem criatividade atualizada perde até a sua potencialidade criadora, perde a sua hominalidade, acabando em pura animalidade.

O teste da vida terrestre consiste, pois, em permear da identidade do nosso Eu divino todas as alteridades do nosso ego humano, as nossas alteridades físicas, mentais e emocionais.

Isto é *auto-realização*.

Favor, a sua identidade!

Sem essa identidade ninguém pode viajar para mundos superiores.

A alteridade do nosso ego sem a consciência da identidade do nosso Eu é o grande pecado da humanidade, é o nosso pecado original. E esse pecado original da ilusão da ego-identidade não é extinto por nenhum batismo ritual – é extinto somente pelo “baptisma” ou mergulho de todas as nossas alteridades humanas no oceano da nossa identidade divina. “Eu e o Pai somos um um.”

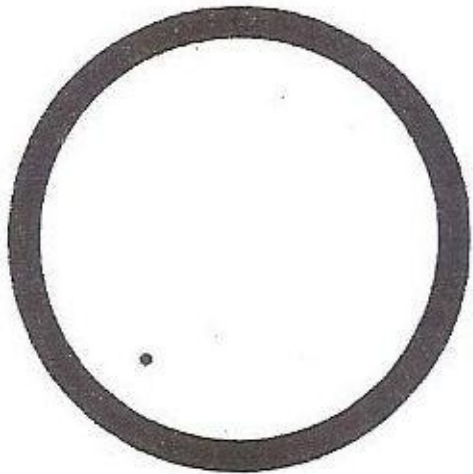
Quem não mergulha na verdade da sua identidade divina não se liberta do pecado das suas alteridades humanas.

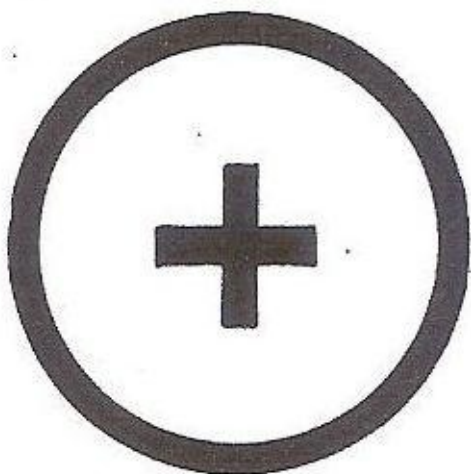
“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”

A relação entre o Eu cósmico, e ego telúrico e o Eu cosmificado pode ser representada do modo seguinte:

Duas linhas retas, apontando para todas as partes: norte, sul, leste, oeste.

Esse símbolo era, na antiga Índia e no Egito, o símbolo do Infinito:



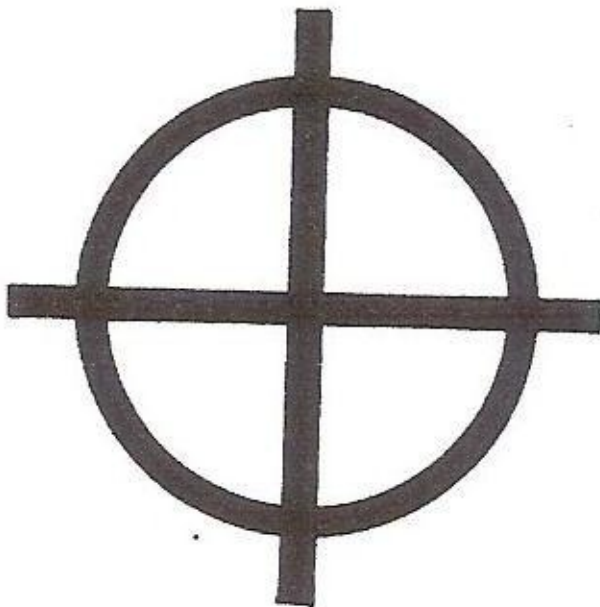


Este Infinito, o Uno, se manifesta sem cessar em Finitos, Verso, representando o Universo. O Finito foi sempre representado pela linha curva, que volta sobre si mesma, formando um círculo ou zero:

Esses círculos são os Finitos, as criaturas, o Verso.

No homem, o Infinito está no Finito em forma potencialmente consciente, ao passo que nas outras criaturas esse Infinito existe apenas inconscientemente.

No princípio, o Infinito está no Finito-homem apenas inconscientemente: Essa presença inconsciente do Infinito no homem é um presente de berço, faz parte da natureza humana; mas esse Infinito inconsciente pode tornar-se um Infinito consciente; o consciente *potencial* pode tornar-se um consciente *atualizado* pelo poder da consciência ou livre-arbítrio do homem, pode ultrapassar o círculo finito de ego e alargar a cruz do Infinito do Eu indefinidamente:

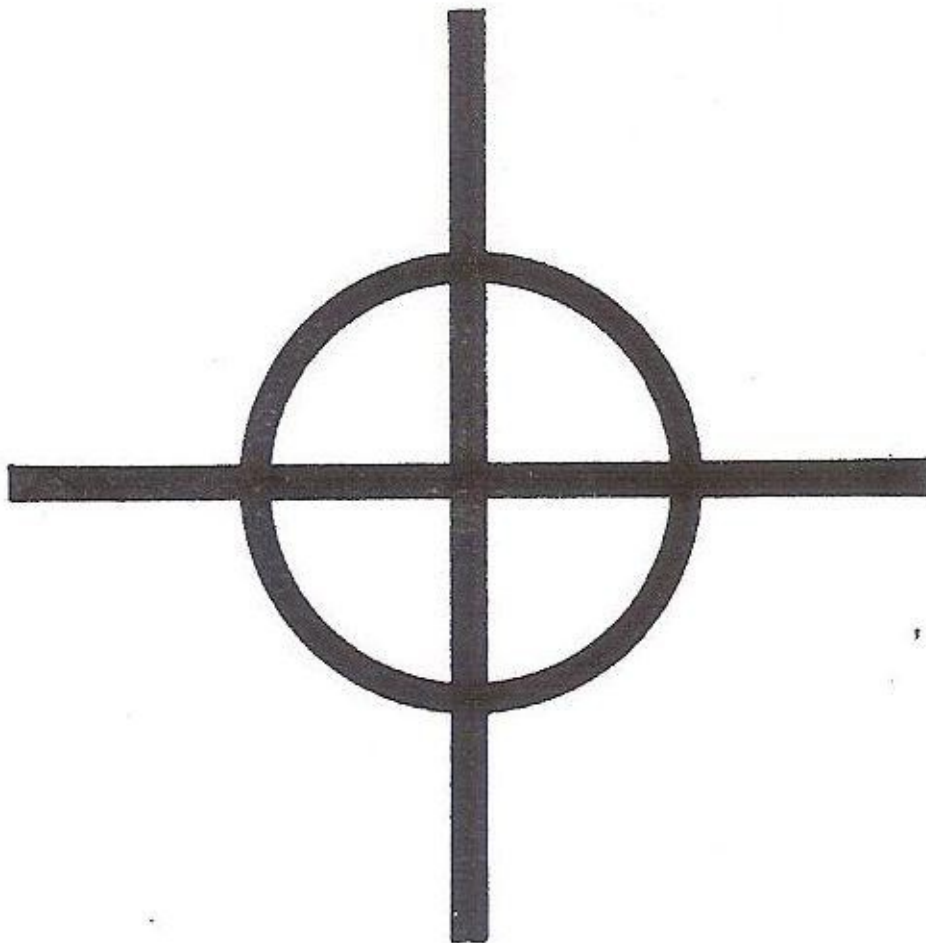


Quando o Infinito corta a linha do Finito, quando o Eu ultrapassa o ego, então há um cruzamento ou uma crucifixão para este; o ego é *desintegrado* pelo Eu, e, ao mesmo tempo, *integrado* no Eu:

Toda evolução do Eu que ultrapasse a barreira do ego é uma crucifixão. Não há integração do ego no Eu sem uma desintegração desse ego; não há redenção sem sofrimento.

É esse o “caminho estreito e a porta apertada” de que fala o Cristo; é esta a “dureza de diamante” de que fala Mahatma Gandhi.

Mas, uma vez integrado no Eu, o ego entra na zona do “julgo suave e peso leve”, ou seja, na “delicadeza de flor de pessegueiro”. É esse o caminho doloroso-glorioso da evolução do homem rumo à sua auto-realização, rumo ao homem integral, ao homem univérsico:



A EVOLUÇÃO DO HOMEM À LUZ

DA BHAGAVAD GITA

A mais grandiosa epopéia filosófico-espiritual do Oriente são os Vedas, que quer dizer *Visão*, no sentido de conhecimento espiritual da realidade. Esse poema cósmico tem os seus primórdios em eras que remontam a uns 5.000

anos antes da era cristã.

A parte mais bela e conhecida dos *Vedas* é a Bhagavad Gita, que quer dizer, a “Sublime Canção”.

A Bhagavad Gita, literariamente, consiste num diálogo entre *Arjuna* e *Krishna*, ou seja, entre o homem irredento e o Cristo Redentor.

Alguns mestres, mesmo do oriente, interpretam a Gita em sentido literal, encontrando nesse sublime poema a aprovação da guerra no caso que ela seja

“justa”. Mahatma Gandhi, porém, e outros videntes da envergadura moral dele, sabem e proclamam ao mundo o verdadeiro sentido da batalha de Kurukshetra descrita na “Sublime Canção”. É o eterno drama da vida humana.

Arjuna – palavra que quer dizer “não-redento”, ou “cativo” – é o homem da ego-consciência telúrica, o homem físico-mental, ainda não espiritualizado pelo despertar da consciência cósmica. Esse homem acha-se lançado ao campo de batalha desta vida, entre dois exércitos adversos: os *pandavas* e os *kurus*.

Aqueles representam as forças superiores da alma; estes simbolizam as tendências inferiores da mente e do corpo.

Arjuna reconhece que os inimigos que tem de combater são seus próprios parentes, amigos e mestres de outrora – e recusa-se a lutar, deixando cair por terra arco e flecha. Interpretando esse maravilhoso símbolo, resulta esta grande verdade: o homem-ego, em vias de transição para o homem Eu, vê-se impelido a combater aquelas mesmas forças do seu ego que, durante séculos e milênios, fizeram parte integrante do seu ser, que são seus parentes, ascendentes e colaterais, seus amigos, seus mestres e mentores na longa jornada evolutiva, das tenebrosas profundezas da inconsciência até ao crepúsculo matinal da

semiconsciência intelectual de hoje; amigos, como os sentimentos do corpo; mestres, como as faculdades da mente. É natural que Arjuna, o homem “irredento”, escravo da obsessão do seu ego físico-mental-emocional se recuse a lutar contra esses “membros da sua família tradicional”, acabando por deixar cair o arco desentesado da sua vontade.

Em linguagem bíblica do Gênesis diríamos: a “serpente” (intelecto) não aceita de bom grado que lhe seja “esmagada a cabeça” por aquele outro poder que acaba de surgir das profundezas da natureza humana (razão, espírito), procurando “armar ciladas ao calcanhar” do vencedor. O *lúcifer* da inteligência egoísta opõe-se (sataniza-se) à soberania do *Cristo*, que acaba de nascer na alma humana, e trava-se a luta entre o *lúcifer* satanizado e o *Cristo* divino, o eterno “Lógos”, a luta de que o Evangelho nos deixou numa descrição tão profundamente simbólica, perfeito paralelo ao que lemos na Bhagavad Gita.

Arjuna é o homem irredento que saiu do Éden e ainda está sob o domínio da inteligência serpentina, unilateral, egoísta – quando ouve a voz da razão espiritual, do eterno *Cristo* dentro dele.

Nisto, porém, no meio dessa perplexidade e desse desânimo, Arjuna percebe a voz de *Krishna*, o *Cristo* eterno que é também o *Cristo* interno, a alma divina dentro do homem, que o convida a lutar corajosamente contra o homem inferior de ontem e de hoje, a fim de criar o homem superior de amanhã; convida-o, segundo o apóstolo Paulo, a “despojar-se do homem velho que anda ao sabor das suas concupiscências”, e a “revestir-se do homem novo, feito de justiça, verdade e santidade”. *Krishna* faz ver a Arjuna, numa linguagem simbólica, que o seu ego não passa dum pseudo-eu, e que o seu verdadeiro Eu é racional, espiritual, divino, velado pelo pseudo-eu, mas que pode e deve ser revelado pela íntima essência divina do homem em evolução ascendente.

Para que o homem possa unir-se permanentemente com a Verdade eterna, *Brahman*, deve ele emancipar-se da ilusão de *Maya*, o mundo físico-mental, que não passa de aparência e miragem quimérica, a ilusão tradicional de que o corpo e a mente, esses elementos pessoais, sejam a eterna essência do homem.

O convite que *Krishna* faz a Arjuna para derrotar seus parentes, inimigos e usurpadores do seu trono de príncipe, é um perfeito paralelo e uma esplêndida paráfrase às palavras de *Cristo* sobre a “Verdade libertadora”. A ilusão escraviza, a verdade liberta! A consciência telúrica do homem-ego pretende usurpar o trono

do príncipe divino, o Espírito, a Alma, a Consciência Cósmica dentro do homem, o “Príncipe da Paz”, o eterno Cristo no homem. Não deve o homem permitir semelhante usurpação; deve lutar até que consiga a soberania do elemento espiritual sobre os elementos físico e mental. É esta a “guerra santa” a que Krishna convida Arjuna, a que o divino Redentor estimula o homem não-remido, porém redimível. Redimível, no caso que o homem queira empreender a grande luta por sua definitiva libertação.

Com essa vitória, diz Krishna, conquistará o homem mortal a sua imortalidade.

Prosegue Krishna dizendo a Arjuna que essa vitória não consiste em fugir do mundo, abandonar o campo de batalha, mas sim em ficar no meio do mundo sem ser do mundo; em contemplar, como espectador objetivo, calmo e sereno,

tanto as dores como os prazeres da sua vida; manter absoluta serenidade e equilíbrio em face dos louvores dos amigos e dos vitupérios dos inimigos; em repousar firmemente alicerçado em Brahman, o Eterno, porque um só é Deus, embora muitos sejam as formas em que ele se revela, e muitíssimos sejam os nomes que os homens lhe dão, a Ele, o grande Anônimo de mil nomes.

O homem perfeito é o homem cósmico, univérsico, não o homem material, que é escravo do mundo; nem o homem meramente espiritualista que é desertor do mundo – mas o homem integral, que, sabedor da sua *essencial identidade* com Deus, não se olvida da sua *diversidade existencial*, e trabalha jubilosamente neste mundo dualista como arauto de Brahman, de Deus, sem jamais perder a sua consciência divina. Ele é como o Verbo que se fez carne. Ele, o espírito, se materializou, para que a matéria se possa espiritualizar. Dessas núpcias entre a matéria e o espírito, em perfeita harmonia, é que nasce o homem cósmico ou univérsico, cheio de graça e de verdade.

O homem material afirma o mundo sem Deus.

O homem espiritualista afirma a Deus sem o mundo.

O homem cósmico ou univérsico afirma o Deus do mundo no mundo de Deus.

O homem cósmico dormita no homem místico, assim como este está latente no homem profano. Todo progresso e perfeição consiste em que o homem superior desperte no homem inferior, que atualize as suas potencialidades latentes, e, percebendo que “ele e o Pai são um”, não perca a firme convicção de que “o Pai

é maior do que ele”.

O homem profano e insipiente considera-se a si mesmo como uma personalidade independente, autônoma, separada do grande Todo, isto é, como uma divindade auto-subsistente – e isto é satanidade.

O homem iniciado e auto-realizado na Verdade suprema sente-se como uma parte integrante do grande Todo, assaz divina para poder conhecer e amar a Deus, e assaz humano para ser responsável por seus atos livremente cometidos.

Essa consciência cósmica não é, a bem dizer, uma virtude, no sentido comum do tempo, é uma grande iluminação de dentro, uma revelação da verdade íntima, uma sapiência e intensa vivência da Realidade Absoluta.

O grande cientista, Wilhelm von Humboldt, diz que agradece a Deus pelo fato de o ter deixado viver tempo suficiente para chegar a conhecer a obra-prima da Bhagavad Gita. O filósofo Artur Schopenhauer, não obstante o seu profundo pessimismo, declara: “Este livro é a leitura mais sublime que existe no mundo; tem sido o consolo da minha vida – e será o consolo da minha morte.”

O HOMEM NO ESTÁGIO INTELECTUAL

Vasta literatura tem sido escrita sobre essa estranha faculdade humana chamada intelecto ou inteligência. Por via de regra, considera-se essa faculdade como privativa do homem, pelo menos aqui na terra, porque não temos um só exemplo de que algum outro ser possua a capacidade de pensar.

Verdade é que existem vários animais chamados “inteligentes”, e há quem considere esses seres destinados a rivalizar, um dia, com o *homo intelligens*.

[1]

[1] Não usamos, neste sentido, a conhecida expressão **homo sapiens**, porque a sapiência, ou sabedoria, é algo incomparavelmente superior à simples inteligência. Esta é analítica, indutiva, silogística – ao passo que aquela é sintética, dedutiva, panorâmica. Existem, sem dúvida, espécimes isolados do **homo sapiens**, mas o grosso da humanidade é composto do tipo **homo intelligens**, ou até do **homo sentiens**, o homem sensitivo com ligeiro verniz de intelectualidade. O homem sábio seria o homem racional, espiritual, o homem-crístico, o homem univérsico, que está latente no homem de hoje, porém, não desenvolvido.

Não é intuito nosso negar que haja seres infra-humanos dotados de maior ou menor grau de “inteligência”; entretanto, não existe um caso em que algum animal tenha adquirido essa espécie de intelecto que é próprio do homem, nem mesmo sob a direção do melhor dos mestres, quando o homem desenvolveu essa faculdade sem mestre algum.

Todas as artes e habilidades que o animal pode adquirir sob a direção do homem são simples reflexos da inteligência humana, que se espelham temporariamente no animal, mas não lhe são intrinsecamente inerentes. No dia em que o animal, assim treinado, é deixado a seus próprios impulsos naturais e voltar à floresta, começarão a decair todas as suas habilidades inteligentes –

prova de que essas não eram a evolução de uma potência intelectual nele pré-existente, mas apenas, como dissemos, reflexos transitórios emprestados pelo homem, eram uns como rótulos externos, pseudo-intelectuais, grudados na periferia do animal, e que não podiam deixar de se desgrudar, assim que cedesse a pressão de fora, isto é, o impacto artificial do mestre humano.

Sendo que a Constituição do Universo não é *monotonia* nem *caos*, mas sim *harmonia*, isto é, unidade na diversidade (um verdadeiro “universo”), por isto nem todas as classes de seres têm o mesmo destino; cada um deve atingir a perfeição peculiar do seu grupo, mas não pode exorbitar dele e invadir a zona de outros seres. Por isto, não é provável que os seres infra-humanos venham a atingir, algum dia, o nível do homem, uma vez que tal não é a sua íntima

natureza, o seu destino intrínseco, dentro do vasto plano da Constituição do Universo.

O homem de hoje já era homem ontem, homem desde o início, mesmo quando o seu corpo nada disto revelava. A “natura” é a potencialidade na(sci)tura, aquilo que vai nascer explicitamente, porque, implicitamente já existe e anda como que em gestação. Do mesmo modo, o homem de hoje é implicitamente o homem de amanhã. Ninguém se torna explicitamente o que não é implicitamente, graças ao íntimo quê da sua natureza específica.

Pelos meados do século XIX passou pela humanidade ocidental uma onda de reação contra a tradição secular que considerava o homem como um ser à parte, não integrado na longa cadeia evolutiva dos seres orgânicos. Haviam os teólogos ensinado que Deus fizera o homem diretamente em toda a sua perfeição atual, e até mais perfeito. O darwinismo extremo, na primeira embriaguez das suas descobertas sobre a evolução das espécies, rejeitou a doutrina de que o homem fosse um filho de Deus – e fê-lo filho do animal.

Levou quase um século até que essa embriaguez darwinista cedesse a uma reflexão mais sóbria, calma e lógica.

Por outro lado, quase todos os teólogos das igrejas dogmáticas, a despeito de inegáveis fatos históricos em contrário, continuam aferrados à idéia obsoleta de ter o homem caído do céu, tal qual.

Quando compreenderão os darwinistas e os teólogos que todos os seres do Universo são filhos de Deus, efeitos da mesma Causa Infinita? A distinção entre “filhos de Deus” e “obra de Deus” é inteiramente arbitrária. A diferença consiste unicamente no maior ou menor grau de consciência que o indivíduo tem da sua essencial identidade com o TODO. Todas as coisas emanaram do TODO, de Deus, e todas elas são, por isto, *essencialmente* divinas, embora *existencialmente* inferiores a Deus.

O mineral veio de Deus, como de Deus veio o vegetal, o animal, e também o homem. O fato de passar o animal pelo vegetal e pelo mineral, não lhe tira o caráter de “filho de Deus”.

Ora, o fato histórico, hoje provado, de que o corpo humano fluiu através dos canais do animal, como também este, remotamente, passou pelas vias vegetais e minerais, esse fato não diminui a dignidade do homem – como não lhe amesquinhou a dignidade a substituição do antigo sistema geocêntrico pelo heliocêntrico atual. A astronomia pré-copernicana considerava a nossa Terra como o centro do universo, e disto derivava glórias fictícias para o homem; há tempo que morreu esse sonho dourado; hoje, na era atômica e cosmonáutica, todo homem culto sabe que, além de não ocuparmos o centro do universo,

nem sequer pertencemos ao único sistema solar, nem à única via-láctea, mas que a nossa via-láctea, com sua infinidade de sistemas solares é uma das muitas galáxias que iluminam as profundezas do universo sideral; a nossa Terra, com sua pretenciosa humanidade, não passa de um minúsculo grãozinho de areia a gravitar em algum obscuro e ignorado recanto do cosmos.

A nossa antiga vaidade recebeu o primeiro golpe mortal desferido pelos corifeus da astronomia heliocêntrica, e o segundo pelas descobertas dos evolucionistas do século passado: não somos nem os seres centrais do universo, nem somos os únicos filhos de Deus (no sentido teológico) – mas somos, aqui na Terra, os filhos de Deus mais privilegiados, devido à evolução da nossa consciência.

A mais austera das verdades é preferível à mais blandiciosa das ilusões.

A nossa dignidade humana nada sofreu pelas descobertas da astronomia ou ciência evolucionista; caíram os ouropéis fictícios, ficou o sólido ouro de lei da nossa grandeza humana. Edificar a sua fé religiosa sobre belas ilusões é construir edifício sobre movediço areal – melhor uma choupana real do que um palácio

imaginário...

Ver qualquer indignidade no fato de ter o nosso corpo passado por formas orgânicas inferiores, do reino animal, vegetal e mineral, é ceder a motivos meramente emocionais, que nada representam em face da realidade objetiva.

Todas as coisas que de Deus emanaram são puras e boas. O homem não se contaminou pelo fato de ter o seu veículo e invólucro externo fluído por diversos canais infra-humanos até atingir a sua atual perfeição – assim como o Cristo não se amesquinhou pelo fato de se servir de um corpo material para entrar em contato com a nossa humanidade.

A idéia da “dignidade” ou “indignidade” deste ou daquele veículo é resultado de uma falsa filosofia sobre as obras de Deus. Não existe, no vasto âmbito do mundo, um único ser que, em si mesmo, seja indigno de Deus, por que razão seria algo indigno do homem?...

Entretanto, falemos do homem tipicamente intelectual.

O objeto dos sentidos são os fatos e fenômenos materiais do mundo físico em derredor.

O objeto adequado do intelecto são as leis que governam esses fatos e fenômenos e fazem do mundo um “cosmos”, um Todo orgânico. As forças ou leis que, embora invisíveis, regem as coisas visíveis são, em si mesmas, mais reais do que os fenômenos físicos por ela regidos, ainda que o homem dominado pelos sentidos considere a matéria mais real que suas energias. O

matemático que opera com as leis que governam a matéria tem diante de si

algo muito mais real do que o físico ou químico que trata da matéria que obedece a essas leis. Quem sabe orientar-se com segurança no mundo invisível das leis revela maior força intelectual do que o homem que sabe apenas lidar com esse mundo primitivo da matéria visível.

A rainha das leis que governa todas as coisas e fenômenos do mundo material é a lei da *causalidade*. Nada acontece sem uma causa correspondente.

Nenhum efeito é maior que sua causa. Não existe *casualidade*, só existe causalidade; o homem ignorante, chama casualidade um fenômeno cuja causalidade lhe é desconhecida. Toda casualidade é uma causalidade ignorada.

Toda essa epopéia da nossa ciência, técnica e arte, toda a civilização e cultura do gênero humano assentam alicerces na lei da causalidade, que é objeto específico da inteligência.

Nenhum animal sabe dessa lei e sua aplicação científica. Por isto, não há no mundo infra-humano ciência, técnica, arte, civilização e cultura.

Tudo o que está sujeito à lei da causalidade acontece no *tempo* e no *espaço*.

Tempo e espaço, porém, não são objetos, mas sim modos ou atributos de percepção sensitiva e concepção intelectual. Se o homem não percebesse os fenômenos materiais pelos sentidos, nem concebesse as leis da energia pelo intelecto, nada saberia ele de tempo e espaço, nem de causalidade.

Pela percepção sensorial, portanto, temos a noção da *duração* (tempo) e da *dimensão* (espaço), assim como pela concepção intelectual, baseada naquela, temos noção da *causalidade*. É o que perfaz o nosso modo de conhecer ou entender.

Se fôssemos capazes de conhecer algo independentemente de tempo, espaço e causalidade, estaríamos fora do mundo dos fenômenos e suas leis; estaríamos no mundo do eterno, do infinito, do absoluto.

Ora, sendo que, pelos sentidos e pelo intelecto, estamos vinculados às categorias de tempo, espaço e causalidade, força é que essas faculdades cognoscitivas nos façam, uni-laterais ou pauci-laterais; porquanto nenhuma dessas faculdades tem caráter universal, oni-lateral. Por isto, pelos sentidos e pelo intelecto todo ser é egoísta. O egoísmo sensitivo do animal é subconsciente, instintivo, e por isto mesmo relativamente inofensivo; ao passo que o egoísmo intelectual do homem consciente, ego-consciente, pode assumir proporções funestas, quando não controlado por um poder superior, isto é, pela Razão.

O intelecto é um dom glorioso; mas, quando divorciado da Razão, se torna perigoso como navalha afiada em mãos de criança.

Como já vimos, o intelecto é Lúcifer, Serpente Seraph(im), e neste sentido é ele um glorioso dom de Deus; só quando o intelecto se recusa a subordinar-se à Razão torna-se Satan, ou diabo, isto é, opositor, adversário.

O mal da humanidade de hoje não está em ser inteligente – o mal está em não ser ainda assaz inteligente para compreender que a Constituição do Universo exige a integração do menor no maior, do inferior ao superior, do intelecto individual na Razão universal, a transformação da luz matutina do Lúcifer no sol meridiano do Cristo.

Quando o intelecto se integrar na Razão, não deixa ele de existir e funcionar; pelo contrário, existirá e funcionará mais extensa e intensamente do que antes.

O Cristo, sendo a suprema Razão, o divino Lógos, não deixou de ser brilhante inteligência, vidente que era das íntimas leis da natureza e espontânea aliada dessas mesmas leis, ao ponto de as por ao serviço da sua obra redentora, com absoluta segurança e facilidade.

A inteligência humana, no seu estágio atual, aracional, não consegue utilizar-se dos fenômenos e das leis da natureza a não ser de um modo precário, dificultoso e intermitente; a nossa inteligência necessita de criar máquinas para dominar diminuta parcela das forças da natureza; e mesmo no caso que as dominemos, estamos sempre em perigo de sermos feridos ou mortos por essas mesmas forças naturais parcialmente subjugadas por nossos aparelhos.

No dia, porém, em que a inteligência atingir as alturas da Razão, já não necessitaremos de máquinas intermediárias, nem já exerceremos sobre a natureza esse semi-domínio incerto, precário e perigoso; mas convidaremos as forças da natureza a colaborarem conosco, e elas o farão, espontânea e jubilosamente.

A inteligência racionalizada é cósmica.

Pelos sentidos é o homem escravo da natureza.

Pela inteligência torna-se o homem escravocrata da natureza.

Pela Razão transforma-se o homem em amigo e aliado da natureza.

NOS DOMÍNIOS DO HOMEM

MORAL E ESPIRITUAL

Segundo a estatística, há na humanidade menos de 1% de indivíduos destituídos da faculdade *intelectual* – ao passo que existem cerca de 25% de seres humanos adultos que não possuem senso normal de moral.

Que é que se conclui desses fatos?

Conclui-se que a faculdade intelectual é muito mais antiga, no gênero humano, do que o seu senso moral. A faculdade intelectual (não o grau de inteligência!) é hoje em dia transmitida automaticamente de pais a filho em mais de 99 casos sobre 100, não sendo necessário que o novo indivíduo adquira, laboriosamente, essa faculdade. Recebe-a, por assim dizer, como presente de berço, como um capital positivo com que operar. É sabido que, biologicamente falando, não é transmissível de pais a filho uma propriedade apenas superficialmente adquirida por aqueles e que não tenha ainda penetrado profundamente nos cromossomas, gens ou outros elementos veiculadores das qualidades dos progenitores. A faculdade intelectual, tão universalmente transmissível, deve, por isto, ser patrimônio da humanidade há milhões de anos, tempo suficiente para penetrar profundamente nos íntimos redutos vitais dos indivíduos adultos ao ponto de constituir parte integrante das células germinais dos progenitores, em prol do filho.

Não acontece o mesmo no plano do senso *moral* como dizíamos. A moral é de origem relativamente recente no gênero humano, razão porque não é universalmente transmissível, devendo, quase sempre, ser adquirida por cada indivíduo em particular. Algumas dezenas de milênios não foi tempo suficiente para que o senso moral penetrasse profundamente nos gens humanos de maneira que influísse decisivamente sobre os jovens herdeiros da natureza humana. O senso moral nasceu quando o homem, formando sociedades, verificou a necessidade do altruísmo mútuo para poder viver em sociedade e garantir a coesão e estabilidade de grupos sociais. Quer dizer que a moral era um produto de convivência social, um resultado de cálculos intelectuais e, como tal, um elemento de índole puramente *horizontal*, destinado a tornar a convivência social possível. Essa convivência social, porém, obedece a motivos utilitários, razão por que a moral primitiva, embora parece espiritual, é, em sua última base, egoísta. O homem primitivo verificou que não podia realizar devidamente as vantagens utilitárias de um maior conforto de vida sem o recurso a uma moral

que lhe possibilitasse a convivência social. De maneira

que a moral, no seu estágio primitivo, pré-espiritual, é fundamentalmente egoísta. E secretamente egoísta – altruisticamente egoísta! – continua a ser em nossos dias nos indivíduos humanos que não ultrapassaram o plano *horizontal* da pura intelectualidade calculista, que não ascenderam ao domínio *vertical* da experiência racional ou espiritual. Todos os que advogam uma “fraternidade humana” sem o recurso à “paternidade de Deus” professam uma moral intelectualista, aparentemente espiritual, porém realmente egoísta. Essa moral é necessária, mas não é suficiente. Resiste em casos comuns, de vida calma e bonançosa – mas falha em momentos de crise e tragédia. Quando se trata de

“matar ou morrer”, é fora de dúvida que uma moral puramente intelectual-horizontal falhará; o homem preferirá o “matar” ao “morrer”, porque, para a inteligência, “morrer” é deixar de ser, e a lei básica da conservação do indivíduo não aceitará jamais a hipótese de “não-ser”. Para uma moral meramente intelectualista, “ser” é idêntico a “ser fisicamente”; para além desse

“ser” material, terrestre, não há “ser”. Por isso é lógico que um homem apenas intelectualmente moral, quando se vir em face da alternativa “ou matar – ou morrer”, ele preferirá logicamente o “matar” ao “morrer”; age de acordo com a sua lógica intelectual, que não pode deixar de ser egoísta.

A verdadeira religião, porém, sobretudo o Cristianismo, principia lá onde o egoísmo termina; quer dizer, para além das fronteiras da inteligência e da moral intelectualista. O Cristianismo principia com a alvorada da razão, que comumente se chama espírito. A razão na sua mais alta encarnação histórica se chama o Cristo, o “Lógos” (Razão), de que nos fala o quarto Evangelho.

Quanto ao senso *racional* ou espiritual podemos afirmar que é tão fraco e esporádico no seio da humanidade como tal que, praticamente, em nada afetou os elementos biogénéticos dos progenitores no sentido de uma transmissibilidade verificável. Não existe na humanidade de hoje 1% de homens plenamente espirituais – talvez que não se encontre um entre um milhão.

A humanidade *intelectual* está solidamente alicerçada no passado e no presente.

A humanidade *moral* oscila entre altos e baixos, porque no passado mal existia a moral, e no presente é incerta a sua base.

A humanidade *racional* (espiritual) é uma herança do futuro, embora não queiramos negar que haja, como sempre houve, aqui e acolá, uns Himalaias e Itatiaias humanos cujas excelsitudes se acham banhadas de luz muito antes que as encostas e as baixadas saiam das trevas e quando o grosso da humanidade nada sabe ainda dos fulgores solares da Divindade.

Para a humanidade de hoje, solidamente intelectual e precariamente moral, um momento racional da estatura do Cristo – ou mesmo do tipo Francisco de

Assis, Mahatma Gandhi, Albert Schweitzer – é um fenômeno sobrenatural, porque o que esses homens dizem, fazem e são é algo fora da bitola comum da humanidade. Enquanto a nossa moral continuar a ser cruciante, sacrificial e tristonha, não penetrou ainda nos domínios da racionalidade espiritual, onde todo o *pesado sacrifício* acaba em jubilosa leveza e radiante entusiasmo. A moral pré-racional não pode deixar de ser difícil – só uma ética pós-racional é que é fácil. Aquela faz o homem bom e virtuoso – esta faz o homem perfeito e santo. Por aquela torna-se o homem um “talento moral” – por meio desta torna-se ele um “gênio espiritual”.

O Cristianismo, em sua plenitude, não é apenas bondade moral – é perfeição espiritual; não é simples moral – é mística que se revela em ética; é profunda verticalidade

que

produz

vasta

horizontalidade.

O

Cristianismo

é

essencialmente cósmico, universal, místico-ético, vertical na sua essência divina, horizontal na sua manifestação humana, amor de Deus revelado em humana caridade...

O verdadeiro cristão, plenamente cristificado, não é outra coisa senão a última perfeição do homem, o homem por excelência, a flor da humanidade, ou, na linguagem daquele que atingira essa altura, o “filho do homem”. Certos ascetas mal orientados, que pretendem suprimir o homem para realizar o cristão, não sabem o que fazem. Não há homem perfeito que não seja cristão a 100% –

como não há cristão perfeito que não seja homem a 100%.

O homem totalmente profano não tem ideal acima da matéria.

O homem moral aspira a um ideal ultra-material, mas tão difícil lhe é essa atitude idealista que só de vez em quando, intermitentemente, consegue realizá-la sofrivelmente.

Só o homem que, ultrapassando, pelo renascimento espiritual, a fronteira da moral intelectualista, humana, descobre o grande segredo de que a mais intensa felicidade consiste em ser bom, incondicional e universalmente bom. A partir dessa grande experiência mística, toda a ética é fácil, e esse homem pode, em verdade, dizer com Jesus: “O meu manjar é cumprir a vontade do Pai.” Ou com um dos grandes discípulos dele: “Eu transbordo de júbilo no meio de todas as minhas tribulações.”

Se não aparecessem, de vez em quando, na face do nosso planeta, homens desses, jubilosamente bons, desde há muito estaria extinto o derradeiro vestígio de religião entre os homens; porque o que é difícil e penoso não tem garantia de perpetuidade – só o que é fácil e espontâneo é que tem certeza de indefectível continuidade. Com efeito, não são os homens virtuosos, os esforçados talentos da moral sacrificial que mantêm aceso o fogo sagrado do entusiasmo religioso, da paixão divina – mas são os luminosos gênios da espiritualidade espontânea que alimentam esse inextinguível incêndio – os

ébrios da Divindade, os enamorados do Infinito, os apaixonados da Verdade Suprema, são eles que, com seu vasto incêndio iluminam e acalentam o resto da humanidade. Nós, os homens apenas morais e crucialmente virtuosos, vivemos do reflexo desses grandes sóis da mística, assim como a nossa terra e outros planetas vivem das constantes irradiações do globo solar.

O homem moral *crê* em Deus – o homem espiritual *sabe* o que é Deus. Só se

pode crer naquilo que se ignora, mas que se deseja saber. Ninguém pode saber sem que primeiro creia e sintonize a sua vida com a sua crença. Um *crer* sinceramente vivido pode levar ao *saber*.

Sendo que o *crer* é menos que o *saber*, é lógico que o simples crente incompreenda o sábio. Para o simples crente, o sábio, por ele incompreendido, é por vezes, objeto de hostilização, por vezes também alvo de admiração; alguns sábios são chamados hereges; outros são venerados como filhos de Deus.

É necessário que, de tempos a tempos, apareça no meio dos crentes um sábio para que aqueles não descreiam da possibilidade de se tornarem sábios também. Manter acesos os faróis em praias longínquas, mesmo para além dos horizontes visuais, é necessário para que os navegantes, no vasto mar da vida, não se percam nas trevas e naufraguem por entre as tempestades...

O SEGREDO DO

CORPO HUMANO VERTICAL

O homem é, entre todos os seres vivos da natureza, o único de andar ereto. A sua espinha dorsal, vertical, forma ângulo reto com o plano horizontal da terra.

O mineral não tem atitude certa; a sua atitude é neutra, porque o mineral se acha no ínfimo grau de evolução.

A planta tem atitude vertical, mas em sentido inverso à do homem, porquanto está com a cabeça voltada para a terra, donde tira a sua nutrição mediante a

“boca” das raízes; os seus órgãos de reprodução, as flores e sementes, acham-se voltados em sentido contrário.

O animal tem a coluna vertebral paralela ao plano horizontal da terra, porque a sua antena perceptora, os nervos da medula espinal, é dominada pelas forças telúricas, que correm de pólo a pólo.

Só o corpo humano, completando o círculo entre a vertical invertida e a vertical ereta, está com a parte superior da sua antena sensível, o cérebro, voltada para as regiões infinitas da luz cósmica, enquanto os seus órgãos sexuais, de finalidade apenas telúrica, vão em sentido contrário, o pleni-oposto à planta e o semi-oposto ao animal.

Por que essa total ereção da coluna vertebral rumo às alturas?

Porque, no homem, o cérebro não é simplesmente a continuação da medula espinal, como acontece no bruto. No homem, o cérebro tem uma função diferente da dos nervos da coluna vertebral, razão por que a evolução do corpo humano, como já vimos, leva sete vezes mais tempo do que a de qualquer animal. No homem, o cérebro tem a função específica de captar as vibrações sutis do mundo superior, que escapam à antena nérvea vegetal ou animal, as ondas cósmicas do Infinito. A verdadeira grandeza do homem não está na zona do *material* (sentidos), nem do *mental* (intelecto), mas sim no *espiritual* (razão).

Por esta razão, o homem, na fase de transição do período materialmental (sensitivo-intelectivo) para a fase espiritual (racional) sentiu dentro de si a necessidade de erguer a sua antena nérvea-cerebral às alturas, enquanto a parte

oposta da coluna vertebral, terminando no cóccix, aponta para as baixadas terrestres.

Entre o cóccix e a medula oblongada, que une a coluna vertebral ao cérebro, existem mais quatro outros centros nêrveos de função peculiar, a saber: o sacro, o lombar, o dorsal e o cervical, cada um dos quais capta determinadas vibrações, conforme a sua capacidade.

Lemos no Gênesis que, quando a serpente havia induzido o homem a comer do fruto do conhecimento”, foi ele expulso do Éden, e a serpente foi condenada a “rastejar sobre o seu ventre e comer do pó da terra” – expressão simbólica para dizer que a inteligência, anterior ao advento da razão, não estava ainda em condições de se erguer verticalmente rumo ao Infinito, mas tinha de nutrir-se das substâncias e energias telúricas. De fato, o homem, no seu estágio físico-mental, rasteja ao solo e nutre-se do “pó da terra”, isto é, daquilo que os sentidos e o intelecto podem perceber e conceber no plano horizontal da presente evolução.

Quando, porém, a serpente, o Lúcifer ou “porta-luz” do intelecto, começou a vislumbrar, em longínquos horizontes, o despontar da Razão, a “luz do mundo”, procurou erguer gradualmente a sua antena heliotrópica, e a coluna vertebral do homem em vésperas de racionalização espiritual ergueu às alturas a sua parte mais sensível.

Entretanto, até hoje não se completou essa evolução racional iniciada há muitos milênios. Por ora, a nossa antena vertebral ainda está ligado à terra, pela parte inferior. Dia virá em que nos desprenderemos totalmente da gravitação material da terra, como acontece com pessoas nas quais a razão cósmica prevalece sobre o intelecto telúrico, e como aconteceu com o Cristo quando se transfigurou, quando ressuscitou e quando ascendeu aos céus.

O mineral está totalmente dominado pela lei da gravitação.

A planta, demandando as alturas, tenta emancipar-se da gravitação terrestre, mas não o consegue totalmente, porque necessita do solo para sua subsistência.

O animal, locomovendo-se livremente de cá para lá, quebrou parcialmente a lei da gravitação, ou fixação a um determinado lugar, mas não a derrotou plenamente.

O homem, além de locomover o seu corpo como o animal, atingiu maior

libertação pelo intelecto, e máxima pela razão. Quando a razão atingir o apogeu da sua evolução, dominará ela totalmente o corpo e o homem será emancipado da lei da gravitação.

O simbolismo da verdade assim exposta aparece na figura da cruz: combinação da horizontal e da vertical, isto é, do homem completo, do homem cósmico. A cruz, expressão de vida eterna.

A barra horizontal sem o tronco vertical ficaria rente à terra, acima da qual não poderia elevar-se por forças próprias, sujeita como está pela lei da gravitação – essa barra é, por assim dizer, a serpente rastejante do homem físico-mental.

Mas, quando essa horizontal se unir à vertical e por ela for sustentada acima da lei da gravidade material – quando a Razão divina sublimar o intelecto humano – então essa mesma “serpente rastejante” presa ao solo, essa

“serpente ígnea” [2] que mordida e matava o homem quando viajor no deserto da sua evolução físico-mental, será “erguida às alturas”, e quem olhar com fé para essa “serpente sublimada”, será salvo das mordeduras da “serpente rastejante”. O Cristo da Razão salvará o homem do Lúcifer do Intelecto! Mas esse Cristo não teria vindo se o Lúcifer não lhe preparasse os caminhos.

[2] Relembramos que “seraph” (plural: seraphim), em hebraico, quer dizer “serpente”, como também “fogo”, ou “ardente” – ou seja, “serpente ígnea”. O homem do Éden foi tentado por um

“seraph”, idêntico a Lúcifer ou serpente. O homem no deserto foi mordido pelos “seraph (im)”. O

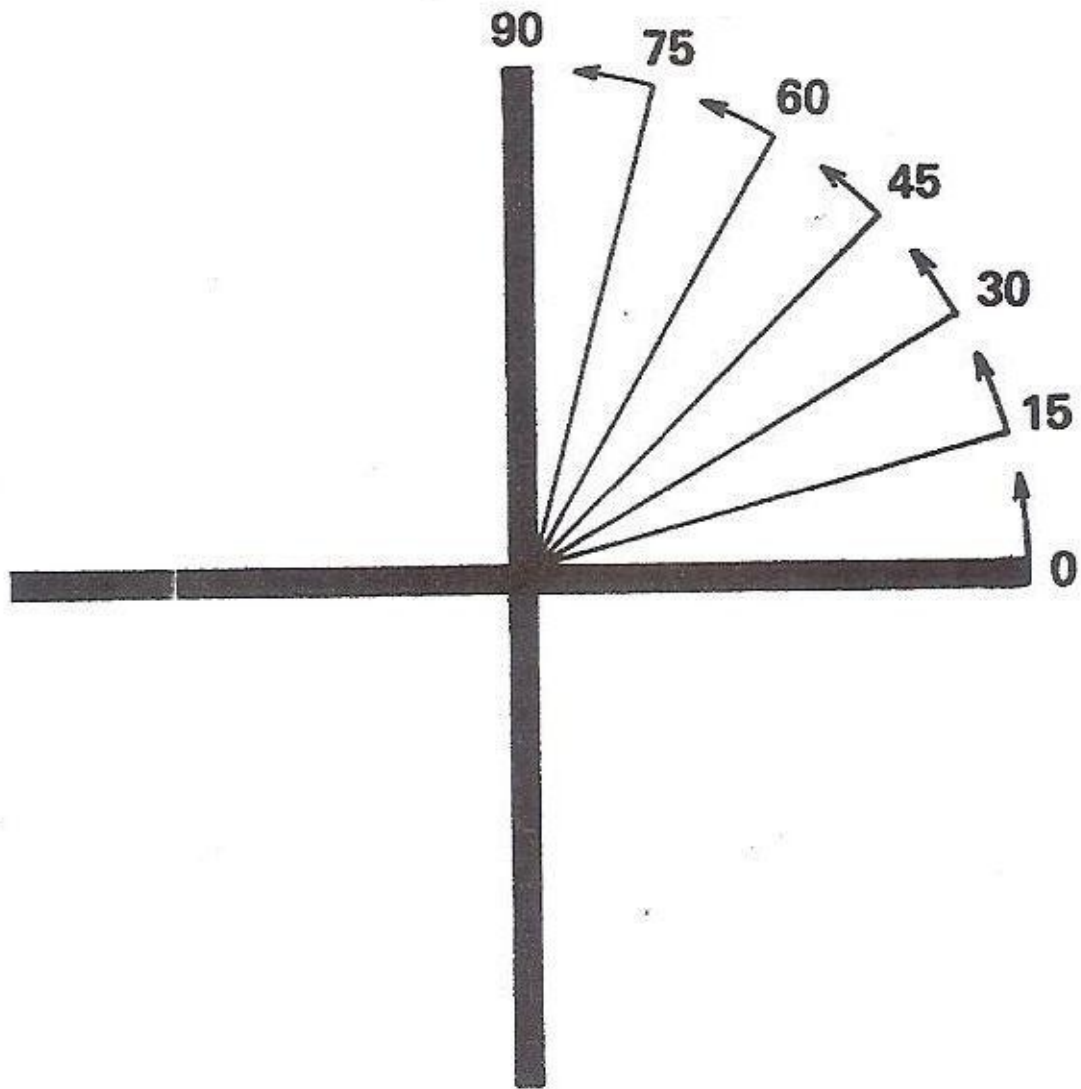
homem no deserto desta vida terrestre, depois de expulso do Éden da sua inconsciência primitiva, é tentado e mordido pela “serpente ígnea” do intelecto, e, enquanto não cravar os olhos, cheio de fé e confiança, na “serpente sublimada” do Cristo, o intelecto espiritualizado pela razão, não encontrará redenção dos dolorosos problemas creados pela serpente rastejante do intelecto – esse intelecto cuja função peculiar é criar os problemas da vida, mas que não pode resolver. Quem os resolve é a Razão, o Lógos, o Cristo.

O fato de o Cristo se comparar com aquela serpente erguida às alturas, aludindo ao episódio no deserto da península arábica, nos dá a chave para o maior mistério da evolução telúrico-cósmica do homem, chave que nem a teologia eclesiástica, nem a ciência evolucionista, souberam compreender devidamente.

O fato de ter o divino Lógos realizado a redenção do seu Jesus humano, esse grandioso símbolo horizontal-vertical é por si só o mais estupendo poema de filosofia cósmica e mística que já se tenha escrito no mundo: o Lógos que se fez carne, para que a nossa carne se fizesse Lógos.

O próprio corpo humano lembra uma cruz, cujo tronco representa a vertical e cujos braços são a horizontal. No topo da “árvore da vida” está o cérebro – mas a sua evolução cósmica está apenas no princípio.

Diante do homem da Era Atômica se abrem ilimitadas possibilidades de evolução ascensional – suposto que ele não se estabilize no horizontalismo das suas conquistas intelectuais, nem, por outro lado, abandone as conquistas da física pelos anseios da metafísica mas souber unir o poder do seu Lúcifer intelectual com o poder do seu Cristo racional.



MISTÉRIO DA TRANSFORMAÇÃO BIOLÓGICA DOS NERVOS E SUA FUNÇÃO

Quando o homem passa do plano material para o plano espiritual, entra a sua

consciência individual na zona da consciência universal, verticalizando todas as funções da sua vida horizontal, sem prejuízo desta.

Entretanto, essa verticalização da sua vida não se dá repentinamente – *natura non facit saltus*, diziam os antigos – mas realiza-se através de numerosas etapas sucessivas, representadas no diagrama junto por meio de linhas ascendentes rumo à vertical completa: 0, 15, 30, 45, 60, 75, 90.

Mesmo no caso que essas diversas etapas ascensionais, rumo ao ângulo reto de 90 graus, não sejam verificáveis externamente, elas sempre existem internamente; não há “conversão repentina”, embora o passo final do movimento ascensional produza nos espectadores essa impressão, como, por exemplo, no caso de Paulo de Tarso; aliás, as próprias palavras do texto sacro,

“duro te é recalitrar contra o aguilhão”, indicam suficientemente essa conversão paulatina.

Durante todo esse período que medeia entre a horizontal e a vertical está o homem empenhado num processo de ascensão difícil, sacrificial, doloroso; está “carregando a sua cruz”, está trilhando o “caminho estreito” e procurando

“entrar pela porta apertada”; está usando de “violência para tomar de assalto o reino de Deus”. Ser bom é, para ele, nesse período, uma medicina amarga, e ainda não um saboroso manjar.

A moral desse homem é simplesmente *volitiva*, imperada pela vontade; porém não *racional*, compreendida espiritualmente pela razão. Sente ele o imperativo categórico do *dever*, ignorando ainda o suave optativo do *querer*. Vive no período da lei e do temor, mas ainda não entrou na atmosfera do evangelho do amor. Deixou o Egito da velha escravidão do homem profano, mas, antes de entrar na terra da promessa, tem de atravessar o deserto árido da disciplina.

Esse homem é virtuoso, mas não é ainda um sábio ou sapiente. Ignora ainda o

“jugo suave e o peso leve” do querer espontâneo. É um talento moral, mas não um gênio espiritual, porquanto este faz com jubilosa leveza e espontaneidade o que aquele faz com dificuldade, gemendo sob o pesado fardo da sua obrigação

moral. O homem moral é um homem bom, mas não um homem perfeito; um cristão, mas não um homem crístico. A virtude do homem volitivamente moral não pode deixar de ter algo lúgubre e triste.

O homem moral, nesse período, é *tristonhamente bom* – ao passo que o homem espiritual é *radiantemente bom*.

Aquele é *tristificado* – este é *crístificado*.

De qualquer etapa da jornada ascensional da moral *volitiva* pode o homem voltar atrás, apostatar, decair e recair para planos inferiores; mas das alturas da ética *racional* não há regresso nem recaída para planos inferiores, uma vez que ninguém pode desejar ser infeliz, depois de sido realmente feliz, porque a felicidade não é senão a voz do instinto da conservação, lei básica de todos os seres. Pode o homem moralmente bom – tristemente virtuoso, infelizmente bom – deixar de ser bom, enquanto esse ser-bom não coincida integralmente com o ser-feliz. Ora, só no plano da ética racional é que o ser-bom coincide integralmente com o ser-feliz.

Só o homem sábio, que é o homem perfeito, racionalmente ético, não pode apostatar do seu plano superior, do ser-bom, porque nele o ser-bom é perfeitamente idêntico a ser-feliz – e ninguém pode querer apostatar da sua perfeita felicidade.

O homem jubilosamente bom, plenamente crístificado, está definitiva e irrevogavelmente salvo, ou auto-realizado sem nenhum perigo nem possibilidade de relapso ou perdição.

O fim supremo do Cristianismo não consiste em fazer o homem bom, mas em fazê-lo perfeito: “Sede perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai que está nos céus!”

Podem sistemas altruístas e intelectualistas produzir um homem bom – mas só a experiência direta do Cristo é que pode produzir um homem perfeito. O

Homem bom é um *querente* ou um crente – o homem perfeito é um *sábio*.

Mas... aqui atingimos a zona do grande mistério!...

Como pode um homem, ontem sacrificialmente bom, passar a ser hoje um homem jubilosamente bom? Como pode ser fácil hoje o que era difícil ontem?

Como pode a amarga medicina do *dever* converter-se na doce iguaria do *querer*? Como posso *amar* a lei, quando até agora só cumpria a lei por *temor*?

É inegável que entre esse *ontem* e esse *hoje*, entre o *difícil* e o *fácil*, entre o *dever* do sacrifício e o *querer* do amor, deve ter havido alguma profunda *transformação biológica* do homem, uma vez que essa modificação na zona ética e espiritual é inexplicável sem uma correspondente transmutação no plano físico e biológico. O *sapiente* vive num outro clima que o *querente* e o *crente*. O *gênio espiritual* não é uma simples continuação do *talento moral*, não!

É um “novo homem”, um “renascimento pelo espírito”; houve um novo *fiat* creador, uma alvorada virgem e inédita, que surgiu das trevas da noite. “Se o grão de trigo não morrer...” Evidentemente, o homem da moral [3] volitiva e tristonha morreu, para que o homem da espiritualidade racional e jubilosa pudesse nascer. Pode Virgílio conduzir o homem do inferno até as extremas fronteiras do purgatório – mas, daí por diante, só Beatriz é que pode guiar o homem, até ao coração do paraíso. Virgílio simboliza o talento moral, a virtude difícil, a amarga medicina – Beatriz, a “beatificadora”, significa o gênio espiritual, a santidade fácil, o lauto festim da alma redenta de todas as irredenções anteriores.

[3] Os nossos vocabulários dão as palavras **moral** e **ético** como sinônimos ou homônimos, apenas com a diferença accidental de que a primeira vem do latim, e a segunda do grego. Em nossa Filosofia Cósmica, porém, não podemos admitir essa identificação, embora etimologicamente justificada. A nossa Filosofia prima pela mais alta precisão matemática. Para nós, moral, virtuoso, altruísta, e seus sinônimos, têm que ver apenas e unicamente com o nosso ego humano, que pode ser de má ou de boa vontade – ao passo que ético, espiritual, sábio, se referem ao Eu divino no homem, que não é mau nem bom, mas perfeito, sapiente, crístico. O homem crístico não é apenas um liberto da viciosidade, mas também da virtuosidade, por ser um sapiente, um auto-sapiente e auto-realizado. Tanto o homem mau do ego vicioso, como também o homem bom do ego virtuoso, se acham igualmente no plano horizontal da velha **egoidade**, são o pólo negativo e o pólo positivo deste velho ego horizontal.

O homem vicioso é um mau escravo, o homem virtuoso é um bom escravo –

mas ambos são escravos, ambos residem no cárcere da sua egoidade. “Por Moisés foi dada a lei (a lei da egoidade), pelo Cristo veio a verdade, veio a graça (a superação da lei da egoidade, a liberdade da cristicidade)”.

O homem-ego mau geme por detrás das grades de ferro do seu cárcere – o homem-ego bom sorri por detrás das grades de ouro do seu cárcere. Grades de cárcere, quer de ferro quer de ouro, são prisão, prisão de viciosidade ou prisão de virtuosidade.

Objeta-se que, em qualquer hipótese, é melhor ser virtuoso do que vicioso – o que aceitamos integralmente. Negamos, porém, que a mensagem dos grandes mestres, sobretudo do Cristo, consistisse em fazer do homem vicioso apenas um homem virtuoso; isto seria desconhecer deploravelmente a missão e mensagem dos grandes avatares da humanidade. Todos eles exigiam a superação tanto da viciosidade como da virtuosidade, pela sabedoria, pela suprema compreensão da realidade do Eu divino no homem, que não é vicioso nem virtuoso, mas sábio, cristo-sapiente, teo-sapiente, consoante as palavras do Cristo “Eu e o Pai somos um, o Pai está em mim, e eu estou no Pai, embora o Pai seja maior do que eu. O Pai também está em vós, e vós estais no Pai”.

Este Pai no homem não é o ego, nem vicioso nem virtuoso, mas é o Eu divino, perfeito, a Realidade Infinita em cada homem. “Sede perfeitos, assim como vosso Pai é perfeito”. Fazei o vosso ego humano tão perfeito como já é perfeito o vosso Eu divino. Se este Eu fosse apenas um ego virtuoso, que sentido teriam estas palavras do Mestre?

O que, todavia, não aceitamos é que a virtuosidade, a moralidade, o altruísmo, ou outra manifestação qualquer do ego de boa vontade, seja necessariamente um preliminar, um auxílio, um trampolim infalível para a suprema sabedoria da auto-realização, da perfeição crística. Não raro, toda a nossa virtuosidade, todas as nossas caridades, todas as nossas piedades são antes impecilho do que auxílio para a libertação suprema do nosso Eu divino.

Essas boas-vontades do nosso ego substituem, não raro, a sabedoria do nosso Eu, que não consegue manifestar-se, porque os altruísmos e virtuosismos do nosso ego lhe atravancam o caminho. Num único caso podem as moralidades e virtuosidades do nosso ego preparar o caminho para a sabedoria do nosso Eu: no caso que o homem moral e virtuoso não considere a sua moralidade e virtuosidade como um **fim**, como uma meta em si, já alcançada, mas

simplesmente, humildemente, como **meios**, como setas à beira do caminho, que devem ser ultrapassadas e abandonadas quanto antes para que o viajor alcance a longínqua meta da sua jornada. Quem pára diante da seta indicadora, ou quem arranca e carrega consigo essa seta, renega a meta; a idolatria da seta lhe frustrou a filosofia da meta; a estagnação egoísta na virtuosidade o faz apostatar na jornada cósmica à suprema Realidade, que é sabedoria, que é auto-realização.

Infelizmente, entre 100 egos virtuosos não se encontra um só disposto a transcender toda a sua idolatrada virtuosidade, a fim de alcançar a sabedoria.

O caso do fariseu no templo é um caso típico e horripilante; apesar da sua inegável virtuosidade, voltou para casa “não ajustado”. Voltou ainda mais desajustado do que viera, porque a sua orgulhosa virtuosidade lhe fechou o caminho da sabedoria; estava liberto da viciosidade dos “ladrões, injustos e adúlteros”, mas não estava liberto da virtuosidade de

“jejuar duas vezes por semana e dar o dízimo de todos os seus haveres”; um piedoso ascetismo e um altruísmo caritativo mantinham presos esse virtuoso fariseu; de tão virtuoso, não conseguiu ser sábio...

O homem crístico não é apenas um homem *remendado*, mas um novo *remido*; não é “roupa velha com remendo novo”, mas é, de alto a baixo, uma “nova criatura em Cristo”, que se despojou totalmente do “homem velho” que anda ao sabor das suas concupiscências, e se revestiu do “homem novo, feito em justiça, verdade e santidade”. O homem remido jogou fora a sua velha colcha de retalhos, ultrapassou não só os seus vícios, mas também as suas virtudes e virtuosidades de outrora, vestindo-se da túnica nupcial do “renascimento pelo espírito”.

Assim é o homem crístico, o renascido, o remido.

Ora, não é crível que os mesmos nervos, de baixa frequência vibratória, que serviam de veículo à moral difícil, possam reagir, com a mesma frequência deficiente, à altíssima vibração da espiritualidade fácil. O gênio cósmico do Cristo e do homem crístico necessita de um instrumento adequado para poder exercer a sua atividade, para tanger a sua música divina e vibrar a sua sinfonia da sua jubilosa facilidade e felicidade.

Entre o talento moral e o gênio espiritual, entre o homem tristemente virtuoso e o homem jubilosamente místico, entre o homem bom e o homem perfeito, há um profundo abismo, o mesmo que medeia entre o querer e o saber, entre a inexperiência e a experiência, entre a morte e a vida.

Para que os nervos obtusos e irreceptivos ou semi-receptivos do homem comum respondam ao silencioso desafio das sutilíssimas ondas de altíssima frequência do mundo divino, devem esses nervos passar por um misterioso processo de aguçamento ou refinamento, desconhecido ao homem profano e irredento. Quem “transborda de júbilo em todas as suas tribulações”, cruzou uma fronteira, transpôs um abismo, invadiu um mundo incógnito onde todas as amarguras são suaves, todos os pesos são leves, todas as trevas são luminosas e a própria morte se converteu numa alvorada de vida eterna...

Como realizar essa transformação biológica do veículo nérvico? Como dar à nossa antena receptora uma nova capacidade essencialmente superior? Como processar essa estranha alquimia de transmutação de elementos vis em ouro de lei?... Não é possível revelar em letra de forma tão grande mistério, que só a experiência pessoal aliada a uma intensa disciplina pode outorgar...

O mistério anônimo da transformação biológica realizada pelo homem radiantemente bom...

“Vade retro, satan!” – replica o Lógos. Vai na minha retaguarda, Intelecto rebelde, que te pões na minha vanguarda, quando a vanguarda compete à Razão. A serpente rastejante do Intelecto tem de servir à serpente sublimada da Razão; se assim fizer, serão curadas por esta as mordeduras daquela.

Lúcifer, porém, satanizado pelo orgulho, recusou-se a obedecer à ordem do Lógos, e, em vez de lhe seguir no encalço, retira-se, abandona o Cristo redentor, e continua irredento.

Outras Inteligências, porém, harmonizadas com a Razão, os anjos, aparecem e executam a ordem do Cristo, servindo-o espontânea e jubilosamente.

A Inteligência que se recusa a servir ao Cristo, exigindo ser por ele servida, é anti-crística, irredenta.

A Inteligência que serve ao Cristo é crística, redenta.

O grosso da humanidade dos nossos dias, ainda não cristificada, adere ao partido do Lúcifer anticristico, satanizado, querendo ser servida em vez de servir e tentando redimir o homem pelo conforto material, pela magia mental ou pelo poder político.

Enquanto a humanidade não atender ao convite do Lógos, de lhe ir no encalço, servindo e adorando a Deus somente – não haverá redenção, por mais que a inteligência iluda o homem com pseudo-redenções.

**LÚCIFER E LÓGOS EM CONFLITO SOBRE
A REDENÇÃO DO HOMEM**

A cena da “tentação no deserto”, quando devidamente compreendida, representa um drama cósmico de estupenda grandeza – drama que continua a desenrolar-se sobre a face da terra através de séculos e milênios.

Acabava o divino Lógos de terminar os seus quarenta dias de oração e jejum, no deserto da Judéia, e dispunha-se a iniciar a sua missão redentora.

Neste momento aparece-lhe o “tentador”, e trava-se violento duelo entre as duas maiores potências do Universo: a Razão e o Intelecto. Cada um dos dois contendores faz valer o que ele entende por “redenção”.

“Se tu és filho do Deus – diz o Intelecto à Razão – manda que estas pedras se convertam em pão.”

Nesta primeira investida, aparece, sem disfarces, a ilusão multissecular da Inteligencia, que identifica a redenção com o conforto material; se o homem tem o estômago cheio, de que mais necessita ele para ser feliz?

São numerosíssimos, até hoje, os adeptos dessa pseudo-filosofia materialista ou epicurista, advogada pela inteligência humana. É esta a razão última de todas as misérias da humanidade dos nossos tempos. A Razão crística, porém, replica:

“Nem só de pão vive o homem, mas também de todo verbo que sai da boca de Deus” – quer dizer, também das energias espirituais que vêm do Infinito.

O Lúcifer do Intelecto, derrotado neste plano, muda de tática, e passa à magia mental: sugere ao Cristo que se lance do pináculo do templo a baixo, porque, na qualidade de “filho de Deus”, não pode deixar de possuir forças mágicas capazes de neutralizar a força da gravitação, e chegar à terra sem lesão alguma. A redenção do homem, se não é materialismo físico, então é magia mental.

A Razão, porém, se nega a reconhecer nesse faquirismo a redenção do homem.

Ao que o Lúcifer do Intelecto sagaz passa a jogar a sua última e mais poderosa cartada, oferecendo ao Lógos “todos os reinos do mundo e a sua glória”, –

naturalmente, não de graça, porque a Inteligencia egoísta nada faz de graça. O

preço equivalente a todos os reinos do mundo e sua gloria é um ato de adoração:

“Prostra-te em terra e adora-me!”

É esta a suprema satanidade do Intelecto oposto à Razão: exige honras divinas, porque se considera a única Divindade do Universo.

Em face desta orgulhosa pretensão da Inteligencia luciférica, de querer ser adorada e servida pela Razão crística, passa esta a retificar a ordem cósmica, falsificada pelo tentador, declarando e exigindo: “Só a Deus adorarás e só a ele servirás.”

Adorar e servir – em vez de ser adorado e ser servido...

Com estas palavras lapidares é proclamada a ordem cósmica do autoconhecimento e da auto-realização, a quintessência da mensagem do Cristo, o primeiro mandamento da mística e o segundo mandamento da ética. Todo pecado consiste numa falsificação da ordem cósmica – e toda redenção consiste numa retificação da ordem cósmica. Quando o ego luciférico quer ser adorado e servido, é pecador – quando ele resolve adorar e servir, está remido.

“Nestes dois mandamentos estão toda a lei e os profetas...”

Adorar pela sublime vertical da mística...

Servir, pela vasta horizontal da ética...

Se os discípulos do Cristo fizessem o que o Mestre fez, estaria a humanidade remida de todas as suas irredenções...

REDENÇÃO DO INTELLECTO

PELA RAZÃO

O intellecto humano tem a missão e função característica de crear a consciência da personalidade, ou seja, a noção do ego personal. No mundo infra-intelectual há indivíduos, mas não há egos, indivíduos não suficientemente diferenciados e, por assim dizer, cristalizados; não têm noção clara da sua individualidade; são indivíduos amorfos ou semi-amorfos, não plenamente formados ou modelados. O mineral, o vegetal, o sensitivo não se concebe nitidamente a si mesmo como um “Ego” separado e autônomo dos outros indivíduos; sente-se vagamente como uma parte integrante de um Todo maior, mas não como uma personalidade distinta. Esses seres infra-intelectuais não comeram ainda do “fruto da árvore do conhecimento”, na linguagem do Gênesis. No tempo em que o homem se achava externamente nesse plano, nem ele era responsável pelos seus atos, porque não possuía, ainda um Ego suficientemente cristalizado, para poder ser o verdadeiro autor e a causa responsável por seus atos; a natureza nesse tempo, era responsável, mas não ele, como indivíduo inconciente, ou subconsciente que era.

Com a diferenciação do indivíduo, produzida pelo intellecto, começam a aparecer também os *problemas* tipicamente humanos – os “espinhos e abrolhos” do Gênesis, o início da grande batalha no “campo de batalha de Kurukshetra”, segundo a Bhagavad Gita. O intellecto crea os dolorosos problemas, mas não os resolve, nem jamais os solverá, por si mesmo. Pensar que esses problemas não devam existir, é desconhecer o plano geral da evolução humana. Querer que o intellecto solva os problemas que creou, é esperar dele uma função que ele não pode prestar. É da íntima natureza do intellecto, unilateral e analítico, crear esses problemas da vida humana; se esses problemas não existissem, nunca teria sido possível a evolução ascendente. O aparecimento de Lúcifer, o porta-luz, a estrela matutina, precursora do sol, é condição indispensável para o advento do *Cristo*, a “luz do mundo”, o grande sol do universo.

Nunca teria aparecido a pleni-consciência meridiana do Cristo se não aparecera, antes dela, a semiconsciência matutina do porta-luz, Lúcifer.

Verdades tão grandes, é claro, não se devem dizer a crianças, aos que, segundo o apóstolo Paulo, ainda são “infantes em Cristo”, alimentando-se de leite; mas podem ser ditas aos “adultos em Cristo”, capazes de assimilar comida sólida. Navalhas são boas – mas não para crianças, que não gozariam

os benefícios, mas tão-somente sofreriam os malefícios de semelhantes instrumentos. Por isto, quem não se sentir suficientemente adulto em espírito, não creia uma só palavrinha do que acaba de ler – mas não proíba o autor de o dizer, nem outros leitores mais adultos de ler estas verdades.

Aliás, lá nos primórdios do Cristianismo, antes da sua degradação pela teologia escolástica, escreveu o grande Orígenes de Alexandria que Lúcifer era o precursor de Cristo, assim como a estrela d’alva é a precursora do sol. É

necessário que o Lúcifer do intelecto desempenhe a sua missão do modo mais perfeito possível, até que ele seja integrado pelo Cristo da razão, pelo divino Lógos, no eterno plano cósmico da criação – o intelecto redimido pela razão, Lúcifer redimido pelo Cristo. O pecado não está em Lúcifer, no intelecto como tal; o pecado está em que o intelecto luciférico se recuse a integrar-se na razão crística, opondo-se à mesma, isto é, satanizando-se.

Nesses últimos decênios, uma onda de *psicanalismo* passou pelo mundo; homens dotados de intenso intelecto luciférico tentam solver os problemas da vida pela análise intelectual; querem redimir o intelecto pelo intelecto – coisa profundamente absurda e contraditória. Quanto mais o homem analisa e explica [4] os seus complexos mais os complica. Toda a *análise intelectual* é contraproducente – só por uma *psicossíntese racional* é que o homem pode esperar solução dos problemas que o intelecto creou, mas não solve. Solver supõe uma força superior ao intelecto, e não apenas uma força igual. Nada se pode solver de igual a igual, no mesmo plano horizontal – só se pode solver o inferior pelo superior, em linha ascendente. Só o “mais forte” é que pode “ligar o menos forte”, para nos servirmos das palavras de Jesus.

[4] Explicar (ex-plicare) quer dizer “dobrar para fora”; implicar quer dizer “dobrar para dentro”; complicar é “dobrar de todo o jeito”.

Apareceram entre nós “filósofos”, admirados, aplaudidos, lidos, mas que, imperceptivelmente, estão difundindo o veneno luciférico de que o homem, a fim de preservar intacta a sua liberdade, nunca deve criar hábitos, nunca

devotar-se entusiasticamente a uma causa, por mais positiva que ela seja; deve sempre ficar indeciso, sempre oscilar entre a direita e a esquerda, entre a luz e as trevas, entre o sim e o não, porquanto a direita, a luz, o sim, quando afirmados, o privariam da liberdade de afirmar a esquerda, as trevas, o não.

Esses intelectos luciféricos, de tanto respeito que têm à liberdade, não se atrevem de ser bons, porque ser bom seria uma escravidão, uma falta de liberdade. Proclamam o instrumento como um fim em si mesmo. Prostram-se de joelhos diante duma seta à beira da estrada, em vez de seguirem na direção indicada pela seta.

Boa parte daquilo que corre sob o rótulo de yoga não passa de luciferismo intelectual, que, por parecer alta filosofia, impede os seus adeptos de atingirem as alturas do Cristo. É o caso da tentação no deserto: Lúcifer, satanizado, quer ser adorado pelo Lógos! E promete-lhe, entre troca dessa apostasia, todos os reinos do mundo e sua glória!...

Quando o intelecto deixa de ser fluídico e plasmável e se estabiliza no plano analítico, torna-se *fim* em vez de *meio*, e quer ser adorado como Deus pela razão. É este o “pecado contra o espírito santo”, a apostasia da razão por parte do intelecto, a satanização de Lúcifer pelo supremo orgulho da auto-deificação.

A humanidade em evolução necessita do intelecto como fator de diferenciação, sem a qual não há personalidade, nem progresso – mas a humanidade não deve marcar passo no plano do intelecto, da consciência personal, opondo-se a uma evolução ultra-intelectual, genuinamente racional.

A razão não mata o intelecto; pelo contrário, é precisamente na luz meridiana da razão que a inteligência adquire o seu maior potencial de lucidez e de força.

Nunca existiu sobre a face da terra homem mais inteligente que Jesus de Nazaré, ele, que tinha atingido a plenitude da razão. Recear que a vitória final da razão possam as grandes conquistas da inteligência sofrer desdouro, é entregar-se a receios absurdos, imaginários e ignorar a relação íntima que vigora entre a inteligência e a razão. O personal não inclui o universal – mas este inclui aquele.

Mas, dirá alguém, devemos então cruzar os braços e esperar passivamente o

advento da razão, para solver os problemas da inteligência?

Quem assim pensa não sabe que a evolução ascensional, dentro do mundo consciente e livre da humanidade, não é um processo mecânico e automático, mas essencialmente humano, ativo, voluntário. A evolução não nos acontecerá, de fora – nós é que a devemos promover, de dentro de nós mesmos. De que modo?

Antes de tudo, deve o homem de hoje abandonar definitivamente o erro e a obsessão tradicional de que a renúncia ao egoísmo exclusivista e a entrada nos domínios da solidariedade, do amor universal, seja de alguma desvantagem para o indivíduo e sua felicidade. Praticar amor universal e incondicional não é algum idealismo imprático, ou até nocivo ao homem, como, a princípio, parece; mas é o único caminho para uma felicidade real, sólida e permanente. Aqui é que está o ponto crucial do problema: o que o homem não sabe por experiência não o impressiona vivamente e não lhe dá forças para agir; enquanto ele apenas *crê* no testemunho alheio, sem *saber* por experiência própria, é difícil realizar esse salto mortal do egoísmo para o amor – quando, de fato, é um salto vital; não um salto para dentro das trevas, do nada e da morte – mas um salto para dentro da luz, da plenitude e da vida. Não há coisa mais difícil do que crer antes de saber; depois de saber tudo é fácil e evidente.

Entretanto, ninguém pode saber sem primeiro crer; o crer é penúltimo, o saber é último.

Por isto, a fé é o maior heroísmo da alma, heroísmo para o qual a alma necessita de grande cabedal de arrojo, força e, digamos, certo espírito aventureiro.

Quem se guia pela máxima passiva “deixa como está para ver como fica”, nunca sairá do plano horizontal do intelecto, rumo ao plano ascensional da razão. Quem espera que seu vizinho da direita ou da esquerda dê o primeiro passo e exemplo encorajador, esperará, provavelmente, até à consumação dos séculos, porquanto os seus vizinhos assumem a mesma atitude passiva e inerte. É necessário que haja entre os muitos inertes e passivos pelo menos um dinâmico e ativo, para iniciar a “reação em cadeia”. Do contrário, não aparecerá a “energia nuclear” encerrada nesses átomos humanos. Mas, se um der corajosamente o primeiro passo, e o sustentar firmemente, é provável que se dê a grande “reação em cadeia”, libertando do seio de milhares de átomos humanos a energia divina neles encerrada.

É o grande passo do Lúcifer do intelecto para o Cristo da razão – o divino “Lógos” que ilumina todo homem e dá aos que o recebem “o poder de se tornarem filhos de Deus”.

A MISSÃO REDENTORA DO

CRISTO INTERNO

Todas as religiões do mundo admitem redentor ou redentores.

O Cristianismo é a religião clássica da redenção.

Que é Redenção? Redenção de quê?

Redenção é resgate, emancipação, libertação, auto-realização. A necessidade de redenção supõe que o homem seja escravo, cativo, prisioneiro – e assim é, de fato. Todo homem irredento é um prisioneiro, um escravo.

Que é que o prende, escraviza?

Os elementos inferiores da sua própria natureza. O homem sensitivo-intelectivo da atualidade é mais redento do que os nossos antepassados de um milhão de anos atrás, mas está muito longe de ser plenamente remido.

De que foi remido o homem até hoje?

Foi remido apenas da escravidão da inconsciência, em que o mundo infra-humano – animal, vegetal e mineral – ainda labora. A inteligência redimiu o homem apenas da inconsciência de uma escravidão. O redentor foi Lúcifer, a Serpente, o Seraph. Mas, sendo que tanto a consciência como a consciência intelectual são essencialmente egoístas, e todo pecado é egoísmo, o homem intelectivo não foi redimido do pecado; pelo contrário, com o despontar da inteligência, o egoísmo humano se tornou ainda mais intenso, porque passou do plano subconsciente para o nível consciente. Esta transição é o “pecado original”, base de todos os outros pecados pessoais do homem enquanto dotado apenas de inteligência egóica, mas ainda não da razão. O próprio Gênesis, depois de narrar a transição do estado subconsciente dos sentidos (Éden) para o estado consciente do intelecto (Serpente), alude a esse futuro estado do homem, dizendo que das profundezas da própria natureza humana nascerá um poder maior que o intelecto, tanto assim que esse poder super-intelectual, a razão espiritual, “esmagará a cabeça da serpente”, isto é, derrotará a própria inteligência, integrando-a na consciência cósmica.

Esse poder maior que a inteligência já apareceu, pelo menos uma vez no cenário

da história humana, no Cristo, o Lógos, que se fez carne em Jesus de Nazaré.

Ora, esse mesmo Lógos, que é a Vida e a Luz do homem, segundo o mesmo Evangelho, “ilumina a todo o homem que vem a este mundo”, e dá a “todos os que o recebem o poder de se tornarem filhos de Deus”.

A vida e a luz do Lógos está em todo homem, mas em estado latente, assim como a vida da futura planta está na semente; assim como o fogo está na matéria combustível, isto é, em estado potencial. “O reino dos céus está dentro de vós”... “O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda”, da qual sairá a planta, que não é senão essa mesma semente em estado de plena atualização.

E, porque o reino de Deus está em cada homem, devemos orar “venha o teu reino”. Não pode o reino de Deus vir de fora, porque a sua vinda é de dentro da consciência. Quando o homem conscientiza essa vida, essa luz, que nele estão em latência, torna-se ele consciente da sua verdadeira natureza divina; passa das trevas à luz, da morte à vida, do egoísmo ao amor – esse homem é plenamente remido.

A verdadeira redenção consiste, pois, em que o Cristo latente no homem desperte como um Cristo manifesto; que o reino de Deus, que está no homem em estado potencial, embrionário, brote, cresça, floresça e frutifique.

Ninguém pode tornar-se atualmente o que não é potencialmente.

Nenhuma planta pode nascer duma semente que encerra essa planta.

Nenhuma luz ou fogo pode ser extraído de um material que não contenha em si, potencialmente, essa luz ou esse fogo.

Para ver o Cristo ou o reino de Deus não precisa o homem fazer longas viagens e peregrinações – talvez à terra onde Jesus viveu, ou à Índia – basta que entre para o seu interior, até a íntima e última essência do seu Eu divino, sua alma, e verá que o mesmo Cristo que estava em Jesus está também nele.

Em Jesus estava o Cristo num estado plenamente manifesto e atual, e é nisto que consiste a sua grandeza; ao passo que na maior parte dos outros homens está esse mesmo Cristo de um modo latente e inconsciente.

Despertar o Cristo dormente no homem é e deve ser o interesse máximo de todo

homem.

“O Pai está em mim – o Pai também está em vós.”

Entretanto, pouquíssimos são os homens capazes de despertar dentro de si o Cristo dormente sem o adjutório de um fator externo – em forma de pessoa, igreja ou livro. A experiência espiritual é algo intransferível, incomunicável; nenhum homem, nem mesmo o mais espiritual, pode dar a seus semelhantes a

sua própria espiritualidade. Se o pudesse e fizesse, estaria abolida a própria Constituição do Universo com esse ato de “contrabando espiritual”. Todo homem pode e deve receber a experiência espiritual de dentro de si mesmo. O

próprio Jesus não conseguiu dar a seus discípulos essa experiência espiritual; ainda no fim do terceiro ano da vida pública do Nazareno continuam os discípulos dominados pelo egoísmo: querem ocupar os primeiros lugares no

“reino da glória” do Messias; querem chamar fogo do céu para destruir seus inimigos: brigam por causa da questão quem deles é o maior; fogem diante das sombras da cruz, um deles nega o Mestre, outro o vende e comete suicídio, *etc.* Só mais tarde, quando veio sobre eles o “Poder do Alto”, é que eles passaram pela grande transformação, proclamando a vitória do Cristo plenamente desperto neles. Entretanto, eram necessários aqueles anos de preparativos para que, no Pentecostes, pudesse romper de dentro deles o espírito de Deus.

Pode uma acha de lenha ou um pedaço de carvão ser perfeitamente combustível; mas, enquanto não se lhe aproximar uma chama de fogo atual, já acordado, não poderá o fogo potencial da lenha ou do carvão atualizar-se, despertar.

Nenhum redentor redime o homem de fora; a redenção vem essencialmente de dentro, como um despertar da alma, como um brotar de semente, como uma expansão da consciência individual para a consciência universal. Mas, em vista da fraqueza humana, é quase sempre necessário um fator externo que dê o primeiro impulso a esse processo, a essa “reação em cadeia”. Pode uma semente conter em si vida potencial perfeita; se não encontrar ambiente favorável, do solo e de sol, não despertará essa vida latente; mas, quando colocada num ambiente propício, despertará, brotará, crescerá em vida atual essa vida potencial. Certamente não é a umidade do solo nem o calor do sol que dão vida à

semente, mas esses fatores externos são necessários como condições para acordar a vida dormente. A “redenção vital” vem de dentro da semente, mas os intermediários dessa redenção vêm de fora.

Quando se fala em auto-redenção, ou auto-realização, muitas pessoas inexperientes se escandalizam com semelhante “heresia pelagiana”. Por que?

Ou porque não crêem na existência do Cristo interno no homem – ou porque entendem por auto-redenção uma redenção pelo ego físico-mental. Entretanto, a verdadeira auto-redenção é perfeitamente idêntica à Cristo-redenção, porque quem redime o homem é o Cristo interno, o mesmíssimo Cristo que estava em Jesus, e que ilumina a todo homem que vem a este mundo. Santo Agostinho, que advogava a Cristo-redenção, e Pelágio, que defendia a auto-redenção, não são realmente inimigos, contanto que um compreenda o que é o Cristo, e o outro saiba o que é o homem. A teologia dualista do ocidente ergueu intransponível barreira entre o Cristo que estava em Jesus e o Cristo que está em cada homem – se é que admite a imanência de Cristo no homem! Muitos

teólogos, a fim de darem a maior excelência ao Cristo histórico da Palestina, fazem do homem um ser totalmente negativo, mau, pecador. Não compreendem o seu próprio ilogismo; porquanto é certo que um homem completamente mau não seria redimível, nem pelo Cristo Jesus. A redimibilidade supõe necessariamente uma base positiva, um elemento bom no homem – assim como a combustão de um material supõe que nele exista combustibilidade, algum elemento ígneo em estado latente que possa ser ignificado pelo fogo atual que dele se aproxime. Se não existisse na alma humana o Cristo interno, nenhum Cristo externo poderia redimir o homem.

Moisés, Buda, Krishna, Lao-Tsé, Jesus – todos eles são agentes externos para libertar dentro do homem um elemento interno; mas o verdadeiro redentor é invariavelmente o Cristo interno do próprio homem, a profunda essência do seu ser.

Para a atualização do elemento dentro do homem requer-se alguma espécie de terremoto, tempestade ou incêndio de Pentecostes, isto é, alguma grande vibração interior, um amor, um entusiasmo, uma emoção profunda e intensa. A placidez de um intelectualismo simplesmente erudito não é capaz de realizar

essa grande alvorada.

Ora, o que me enche de amor e entusiasmo é necessariamente algo que tenha afinidade íntima com o meu próprio ser. Não posso apaixonar-me por algo que não faça parte de mim, que não seja eu mesmo. Em face de um redentor, eu, o irredento redimível, sinto nas profundezas do meu ser uma voz que me diz: Isto és tu mesmo, em estado avançado, plenamente evolvido! Tu és potencialmente o que esse redentor é atualmente. Ele foi o que tu és, tu serás o que ele é!

Por mais paradoxal que pareça o verdadeiro amor é a mais alta auto-afirmação.

Esse glorioso eco de perfeição e plenitude que o redentor desperta em mim enche-me de esperança, entusiasmo, amor, dinamismo realizador. Ninguém pode com veemência amar alguma coisa que não tenha base nele mesmo.

Onde não existe afinidade interna não pode haver amor e entusiasmo. O

girassol não seria heliotrópico (amante do sol) se ele mesmo não fosse filho da luz. o homem não poderia amar a Deus, se ele mesmo não fosse divino em sua íntima natureza. O homem não poderia saudar o Cristo como seu redentor se ele mesmo não fosse crístico ou “cristogênito”. Neste sentido diz Jesus:

“Exemplo vos dei para que façais como eu fiz”, “Vós fareis as mesmas obras que eu faço, e as fareis maiores”, “Vós sois deuses” [4].

[4] Deuses, na linguagem de Jesus, são manifestações individuais da Divindade Universal. O

Cristo Cósmico é a primeira e mais perfeita manifestação desses deuses, ou individuações da Divindade, que ele costuma chamar Pai. O Cristo é, segundo Paulo de Tarso, o “primogênito

de todas as criaturas”, nele “habita corporalmente toda a plenitude da Divindade”. Segundo João, o Cristo Cósmico é o “primogênito do Pai”, da Divindade, ao passo que nós somos os pós-gênitos, as individuações posteriores da Divindade. Neste sentido, nós somos deuses. O

Cristo é Deus, mas a Divindade é maior do que ele.

Toda redenção ou auto-realização consiste, em última análise, em que o homem

atualize plenamente o Cristo interno dele até que chegue à “estatura perfeita da maturidade do Cristo” que estava em Jesus, até que esse Cristo dormente nele desperte e atinja sua perfeita adulez e maturidade.

O homem totalmente ignorante espera redenção automática de fora, redenção de que ele seja simplesmente um objeto passivo.

O homem intelectualizado, mas ainda não racionalizado, julga poder realizar a sua redenção pela força do intelecto, pela magia mental – e isto é ao mesmo tempo ignorância primitiva e arrogância luciférica.

O homem plenamente consciente da sua natureza racional, espiritual, divina, opera a sua redenção em virtude do seu Cristo interno, e não desanima em face das dificuldades, porque tem diante dos olhos a figura de Jesus de Nazaré que a tal ponto realizou em si o Cristo eterno que podia dizer: “Eu e o Pai somos um”... “As obras que eu faço não sou eu que as faço; é o Pai em mim que faz as obras.”

O homem que acordou o seu Cristo interno é um homem cristificado, um homem definitivamente redento, salvo, auto-realizado.

VISÃO DO HOMEM CÓSMICO – RUMO

À GRANDE LIBERTAÇÃO

Amigos!

Fechemos os olhos, por uns momentos, à triste realidade do homem que conhecemos – fraco, enfermo, egoísta – e visualizemos um homem forte, belo, glorioso.

Imaginemos um homem que não conheça doenças *físicas* nem moléstias *mentais* nem misérias *morais*; um homem perfeito conhecedor dos profundos e fascinantes mistérios da natureza, física, química, nuclear, orgânica, psíquica, espiritual; um homem que não seja tirano e explorador, mas amigo e aliado da natureza e trabalhe de mãos dadas com ela pelo bem da humanidade.

Imaginemos um homem que não esteja sujeito à lei da gravidade e da dimensão, que possa espontaneamente elevar-se aos ares e transportar-se a grandes distâncias sem aparelho algum; que possa materializar e desmaterializar instantaneamente o seu corpo, tornando-o visível e invisível a bel-prazer.

Imaginemos um homem que conheça não apenas em teoria, como os nossos cientistas, a estupenda unidade do universo, mas saiba praticamente que por detrás desses 92 elementos da química, de que os corpos constam, existe uma única substância ou força cósmica – chamemos-lhe energia radiante, ou luz –

energia universal e onipresente, na terra, na água, no ar, no éter, por toda a parte; um homem que possa, a qualquer momento, apelar para esse elemento universal e único e dele produzir pão, vinho, carne, peixe, e outro alimento qualquer, mesmo em pleno deserto, a fim de atender às necessidades de seus semelhantes.

Imaginemos que esse homem cósmico e integral possa andar tanto em terra firme como sobre a água, como também flutuar nos ares por quanto tempo queira. Um homem que perceba intuitivamente o jogo íntimo dos átomos dos minerais, das células das plantas e dos animais, e possa até ver os pensamentos de outros seres conscientes.

Imaginemos um homem que, acima de tudo, seja tão intensa e sinceramente bom que queira para toda a humanidade e cada um de seus membros todo o

bem que quer para si mesmo; que ame todos os homens, mesmo os chamados inimigos, como a si mesmo.

Esse homem seria, evidentemente, a síntese e quintessência de todo o poder, de toda a sabedoria, de todo o amor e de toda a felicidade de que é capaz um ser humano.

Mas... para que sonhar com semelhante homem? Para que deliciar-se em tão fantásticas utopias, se o homem real que conhecemos de experiência cotidiana é precisamente o avesso de tudo isto? – e nunca será essencialmente diferente do que é e sempre foi...

O planeta Terra é, por ora, o habitáculo do homem fraco, miserável, doente, feio, egoísta, estúpido, explorador, infeliz – um vale de lágrimas, como uns lhe chamam, um inferno, como outros denominam esta terra e a vida humana. A nossa terra está coberta de *hospitais, hospícios e penitenciárias*, atestados permanentes das nossas misérias *físicas, metais e morais*.

Para que, pois, sonhar com coisas quiméricas, irrealis e irrealizáveis?

E, no entanto, digo a todos os descrentes, pessimistas, derrotistas e irrealistas que o homem de hoje tem diante de si, e mesmo dentro si, esse destino glorioso; o homem miserável de hoje é, potencialmente, o homem feliz de amanhã.

Mais ainda, esse estado glorioso da humanidade não é apenas um ideal longínquo, a ser realizado daqui há muitos milênios – já foi realizado uma vez, pelo menos num espécime da nossa raça – e o que foi possível uma vez, é possível duas, dez, cem, mil vezes, é possível a todos, porque a natureza é essencialmente uma, sempre a mesma, por toda a parte.

Existiu entre nós um homem – e existe ainda, embora invisível – que era e é tudo isto que acabamos de dizer do homem cósmico, perfeito, integral – um homem física, mental e espiritualmente perfeito – é um fato histórico, e contra fatos não há argumentos. As misérias materiais, mentais e morais da humanidade já foram uma vez radicalmente abolidas, na pessoa de um dos nossos semelhantes e apareceu o homem ideal, assim como era concebido pela onipotência, sabedoria e amor do Altíssimo, quando disse: “Façamos o homem, à nossa imagem e semelhança!” A imagem e semelhança de Deus, porém, não conhece imperfeição

de espécie alguma.

E esse homem cósmico, que em si realizara plenamente a imagem e semelhança da Divindade, disse e afirmou que todos os outros homens, seus irmãos menores e menos avançados, poderiam vir a ser o que ele era –

contanto que cumprissem as condições que ele mesmo realizara; disse que os outros homens fariam as mesmas obras gloriosas que ele fazia, e que as fariam até maiores.

Quais as condições a serem realizadas para que o homem, de miserável e infeliz que é hoje, se transforme nesse homem glorioso e feliz de amanhã?

Serão muitas essas condições? Encherão muitos volumes, como os nossos códigos humanos, cheios de artigos e parágrafos?

Não, meus amigos. Venho anunciar-vos a boa nova de que a soma total de todas as condições necessárias para o advento do homem perfeito e feliz enche apenas duas ou três linhas de um livro comum; diz simples e singelamente isto:

“Amará o Senhor teu Deus com toda a tua alma, com todo o teu coração, com toda a tua mente e com todas as tuas forças – e amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

Todo homem que fizer isto, integral e constantemente, será um homem poderoso, sábio, santo e feliz e será, por isto mesmo, senhor, amigo e aliado de todas as forças da natureza e do seu próprio corpo.

Aquele homem perfeito que viveu três decênios na linha divisória entre o ocidente e o oriente, momentos antes de se tornar novamente invisível aos olhos corpóreos de seus discípulos, deixou-lhes este legado magnífico:

“Os seguintes sinais acompanharão aqueles que crerem em mim: em meu nome proclamarão o Evangelho do reino de Deus a todas as criaturas; em meu nome expulsarão os maus espíritos; em meu nome porão as mãos sobre os doentes, e estes serão curados, e, se beberem qualquer coisa mortífera, não lhes fará mal – porque eu estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos.”

Agora pergunto: por que é que não acontece, em larga escala, o que o “filho do homem” disse e prometeu a seus discípulos? Como é possível que, há séculos, esteja falhando a sua promessa gloriosa? Por que esse lúgubre eclipse em plena alvorada?

Unicamente porque a imensa maioria dos chamados discípulos do Cristo não o são na verdade, senão apenas nas aparências e pelos rótulos externos, porque não cumpriram de fato as condições para o nascimento do “homem novo”, da

“nova creatura em Cristo”... Dizem, à flor dos lábios, e repetem sem cessar que amam a Deus sobre todas as coisas e seu próximo como a si mesmos – mas são palavras vãs, ocas, sem conteúdo, ou antes reiteradas mentiras.

Continuam a seguir, mesmo dentro da luz do cristianismo quase vinte vezes secular, a infeliz filosofia tradicional do “homem velho” e proclamam, alto e bom som, a velha política de que o único meio de acabar com os inimigos é matá-

los, em vez de amá-los; continuam a crer firmemente no espírito da força e descreem da força do espírito.

E, devido a essa fraqueza, continuam no homem todas as misérias materiais e mentais. A redenção não é ainda um fato, para a humanidade, porque ainda não foram removidos os obstáculos que obstruem o caminho e impedem o advento do reino de Deus sobre a face da terra.

Até hoje foi remida somente a humanidade *individual* na pessoa de Jesus; a humanidade *coletiva* não foi remida, ela é apenas redimível, cristo-redimível, suposto que os outros homens façam o que o homem Jesus fez: integrar-se totalmente no Cristo.

DO HOMEM EGO-PENSANTE PARA O HOMEM

COSMO-PENSADO E COSMO-PENSANTE

No itinerário milenar da sua evolução ascensional, passa o homem através da *noosfera* mental para a *logosfera* racional, para usar a terminologia de Teilhard de Chardin.

No plano da sua mentalidade noosférica é o homem ego-pensante, ego-agente, ego-vivente. Toda a sua atividade decorre no plano horizontal do aquém.

Mas, quando ele ultrapassa essa horizontal e entra na vertical, verifica o homem a nova dimensão da racionalidade logosférica, em que ele é cosmo-pensado, cosmo-agido, cosmo-vivido. O homem percebe que há uma fonte no além, da qual ele é apenas um canal no aquém; o homem sente que não é ele que pensa, age, vive – mas que ele é pensado, agido, vivido. A causa ou fonte transcendental não lhe é conscientemente conhecida nem analisável; mas o homem sente ou fareja que há uma realidade que transcende todas as facticidades do seu ego-pensante, agente, vivente. É indiferente o nome que ele dê a essa realidade transcendental – Brahman, Tao, Yahveh, Deus, o Absoluto, o Eterno, o Infinito, o Ser – não importa o nome que ele dê ou tente dar ao Inominável, ao Anônimo.

Essa transição do ego-consciente para o cosmo-consciente é, sem dúvida, o maior acontecimento na vida do homem, após a sua transição do inconsciente para o ego-consciente. O homem cosmo-consciente se sente invadido por um poder do além, assim como um canal vazio é invadido e pervadido pelas águas de uma fonte plena.

No princípio, é ele simplesmente cosmo-pensado, como um objeto passivo é invadido por um fator ativo. Pouco a pouco, porém, passa a sentir-se cosmo-pensante, cosmo-agente, cosmo-vivente; não se sente mais como simples objeto passivo, mas como um sujeito ativo, como um novo fator pensante, agente e vivente cósmico. Ele não é somente agido pela alma do Universo, mas pensa,

age e vive em nome do próprio Universo.

Nesse estágio supremo da sua evolução ascensional o homem deixa de ser um místico cosmo-agido, e torna-se um cósmico cosmo-agente. Sente-se não somente solitário em Deus, mas solidário com todos os mundos de Deus,

cosmificado, universalizado. Sente-se não somente *uno* no Creador, mas também *uno* com todas as criaturas. Graças à sua unidade com o Uno, ele ama Deus em Deus e ama Deus em todo o *Verso*, ama todos os seres que Deus ama. O seu amor unitário se expandiu num amor diversitário, ampliando-se no profundo e vasto amor universal do Universo.

Nestas alturas, verifica o homem que o supremo amor é a suprema *auto-afirmação*, verdade essa que, outrora, lhe parecera o maior paradoxo. Mas, desde que ele descobriu que o seu *autós* é a identidade do seu Eu divino, seu Deus imanente, pode ele amar Deus no Eu, em qualquer Tu, e em qualquer criatura, uma vez que a íntima essência de todas as existências é a Divindade, uma, única e onipresente.

Por isto, pode o homem cosmo-consciente amar Deus em tudo e tudo em Deus, sem remorsos nem arrependimentos, nem dubitações, nem reticências.

Para ele, amar não é mais um dever compulsório, mas um querer espontâneo, como a própria auto-afirmação. Desde que todas as *alteridades existenciais* se fundiram na *identidade essencial*, auto-afirmação é afirmação do Creador e das criaturas, do Uno e do Verso, do Universo essencial e existencial.

Para esse homem, o primeiro mandamento da mística transborda espontaneamente no segundo mandamento da ética, tal ponto que todo o *tu debes* foi absorvido pelo *eu quero*. Toda a compulsoriedade culminou em espontaneidade. O maldito dever cedeu ao bendito querer.

Esse homem, cosmo-vivido e cosmo-vivente, foi liberto pelo conhecimento da verdade. A verdade libertadora o libertou da escravizante ilusão da pluralidade pela visão da unidade.

O homem assim liberto pela verdade celebra a festa magna da sua auto-realização. E um único ser humano auto-realizado é um fenômeno mais grandioso do que todas as galáxias do Universo. Esse homem se creou maior do que Deus o criou. Os Universos são alo-creados – esse homem é auto-creador. O

caráter das leis cósmicas é essencialmente *hierarquizante*, visando a criação de um ser auto-criativo. A vasta base do cosmos é algo-creada, mas o cume estreito do Universo é auto-criador. A massa passiva é uma espécie de pretexto, mas a elite ativa é a verdadeira finalidade do Universo, onde a democracia horizontal culmina em cosmocracia vertical. O Alfa do ego humano, diria Teilhard de Chardin, convergiu no Ômega do Eu cósmico.

Para que o homem possa ser um canal por onde derivem as águas vivas da fonte cósmica, uma só coisa é necessária e suficiente: que o homem se esvazie totalmente de todos os conteúdos do seu ego ilusório e ponha os seus canais vazios em disponibilidade cósmica em face da plenitude infinita. Esta disponibilidade cósmica não é um transe ou uma auto-hipnose passiva, mas é

uma atitude pleni-consciente. O homem assim reduzido a 0% do ego-pensante está 100% cosmo-pensante. O nadir do pensamento coincidiu com o zênite da consciência.

A culminância desse estado é chamado *êxtase* por uns, *samádi* por outros, ou ainda o *terceiro céu*.

A palavra grega *ek-stasis*, que, na forma latinizada, deu *êxtase*, quer dizer posição (*stasis*) fora (*ek*). Quando o ego ultrapassa a sua ilusória egoidade, esvaziando-se de todos os velhos conteúdos então está ele em condições de ser invadido e plenificado pela plenitude da alma do Universo, que é a própria Divindade.

Os hindus denominam esse estado *samádi*, que quer dizer literalmente

“endobramento”. Quando o ego, essencialmente periférico, se dobra para dentro, rumo ao Eu central, então entra ele em *samádi* e contempla a Realidade do seu Eu cósmico.

Paulo de Tarso foi raptado ao terceiro céu, quando atingiu a consciência da realidade sobre o seu Eu verdadeiro. Segundo a filosofia grega daquele tempo, o primeiro céu era o dos sentidos. O segundo céu era da inteligência, e o terceiro céu era o puro espírito. Quando Paulo se achava nessa consciência espiritual, ignorava a presença do seu corpo. E lá no terceiro céu do espírito ouviu ele *árreta rémata*, ditos indizíveis, algo que lhe foi dito à alma, mas que os lábios não podem dizer, nem a mente pode pensar. A verdade suprema fala pelo silêncio do espírito, sem nenhum ruído mental nem verbal. A verdade, quando

pensada, já está adulterada, e, quando falada está duplamente falsificada. A verdade é só genuinamente verdadeira quando conscientizada em total silêncio.

É de suma importância que, pelo menos uma vez na vida, o homem tenha sido raptado a esse terceiro céu. Essa consciência cósmica permeará e transfigurará todos os setores do primeiro e do segundo céu da vida humana.

Das alturas da consciência cósmica consegue o homem uma perspectiva certa e justa sobre todas as coisas da existência humana.

Através desse misterioso itinerário do ego-pensante ao cosmo-pensado, e do cosmo-pensado ao cosmo-pensante atinge o homem a suprema razão-de-ser da sua vivência terrestre.

A VINDA DO CRISTO GLORIOSO

“Entre os presentes há alguns que não provarão a morte antes de verem o Filho do Homem vindo em sua glória.”

Essas palavras de Jesus têm sido interpretadas de muitos modos, há quase 2000 anos. Ainda em nosso século, Albert Schweitzer, no seu livro “Em Busca do Jesus Histórico”, focalizou extensamente esta predição do Mestre.

Até hoje muitos esperam a vinda do Cristo visível.

Creemos que Jesus não se referiu a um tempo *externo*, mas sim a um tempo *interno*, que Bergson chama *la durée interieur*. Pela intensificação da sua substância pode o homem modificar totalmente a extensidade das circunstâncias.

Para alguns o Cristo glorioso já veio no primeiro século. Para outros não veio ainda no século 20. Para Gandhi, Schweitzer e outros, o Cristo cósmico já apareceu, como apareceu no primeiro século para os 120 discípulos no Pentecostes. Quem afirma a soberania da sua substância divina sobre todas as tiranias das circunstâncias humanas assiste ao advento do Cristo glorioso. O

Reino dos Céus não vem com observâncias, como algo que se possa ver de fora; nem se pode dizer: ei-lo aqui, ei-lo acolá – o Reino dos Céus está dentro de vós.

A vinda gloriosa do Cristo nada tem que ver com tempo e espaço, que são circunstâncias fora de nós; somente a substância dentro de nós pode presenciar a vinda do Cristo.

Quando Jesus disse que alguns dos presentes não veriam a morte sem que presenciassem a vinda do Filho do Homem, em sua glória, sabia ele que este seu advento se daria ainda no primeiro século para alguns de seus discípulos, como de fato aconteceu no primeiro Pentecostes.

E, por espaço de três séculos, se realizou esta gloriosa *parusia* do Cristo em milhares de cristãos que da mística das catacumbas iam para o martírio do Coliseu, por amor ao Cristo.

Fatos externos não tem valor em si mesmos; só valem pela realidade interna que

os produziu.

A elite da humanidade do presente século está assistindo ao ocaso da *noosfera mental* e vislumbrando a alvorada da *logosfera espiritual*.

Segundo o quarto Evangelho, “no princípio era o Lógos”, o Cristo cósmico, e, mais tarde, se fez carne na pessoa humana de Jesus de Nazaré. Se o homem ultrapassar o seu atual estágio evolutivo mental e se transmentalizar, passando do Lúcifer para Lógos, então atingirá ele o zênite da sua razão-de-ser e assistirá ao advento do Cristo glorioso.

Está nos profundos arcanos das leis cósmicas que uma criatura terrestre, além de criada, seja também creadora, e, pelo poder criativo do seu livre-arbítrio se cristifique, assim como Jesus se cristificou. Quando o crucificado proferiu a sua derradeira palavra “está consumado”, então estava a humanidade individual de Jesus redimida pelo Cristo. E, quando muitos homens forem Cristo-redimidos do mesmo modo e puderem dizer “está consumado”, então se realizará na face do Planeta Terra o advento do Cristo glorioso.

O Lúcifer anticristico deixará de sugerir ao Lógos crístico que se prostre em terra e o adore – mas obedecerá à ordem do Cristo: “Só a Deus adorarás e só a ele servirás.”

E então, “O Reino dos Céus será proclamado sobre a face da terra, e haverá um novo céu e uma nova terra.”

TRANSFIGURAÇÃO DA NATUREZA

PELO HOMEM CRÍSTICO

No ano 58 da nossa Era, escreveu Paulo de Tarso, no oitavo capítulo da Epístola aos Romanos, uma das páginas mais misteriosas e proféticas de toda a literatura mundial. Diz ele:

“A natureza está sujeita à corruptibilidade, não por vontade própria, mas por aquele que a sujeitou. Mas a natureza tem esperanças de ser libertada da escravidão do corruptível e alcançar a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

Com efeito, sabemos que toda a natureza geme e sofre dores de parto até o presente. E não somente ela, mas também nós que possuímos as primícias do espírito, gememos em nosso interior, ansiando pela filiação divina, pela redenção do nosso corpo. Pois, é nesta esperança que está a nossa salvação.”

Paulo de Tarso afirma que toda a natureza, a criação inteira, está sujeita à corruptibilidade, porque o homem ainda não se tornou incorruptível. Mas, se o homem, ponto culminante da criação, se tornar incorruptível, então dará ele à natureza o poder de se tornar incorruptível. Mas, para que o homem possa libertar da corruptibilidade do seu corpo, coroa da natureza, e torná-lo incorruptível, deve ele seguir o mesmo caminho que o único homem incorruptível até agora seguiu: a total cristificação da sua natureza humana. A natureza humana de Jesus foi feita incorruptível, imortal, pelo poder do Cristo cósmico, que nela encarnou. Se a natureza dos outros homens se cristificar plenamente ao ponto de poder dizer “está consumado”, então também a nossa natureza humana “entrará em sua glória”, na glória da incorruptibilidade.

E, como a natureza infra-humana depende da evolução da natureza humana, a parte inferior seguirá o exemplo da parte superior. Até hoje, a natureza é corruptível, porque o homem ainda corruptível a sujeitou e mantém nesse estado inferior. Somente uma evolução superior do homem, pode abrir o caminho, para uma evolução superior da natureza.

A Constituição Cósmica do Universo é rigorosamente hierarquizante: as criaturas inferiores dependem da evolução das criaturas superiores. Segundo Paulo de Tarso, o Cristo cósmico é o “primogênito de todas as criaturas”, anterior à própria criação do Universo, da natureza e da humanidade. Essa criatura cósmica encarnou numa criatura telúrica Jesus de Nazaré, e através de 33 anos elevou essa criatura à mais alta perfeição. Já no princípio da

encarnação do Cristo-Lógos recebeu esta criatura humana benefícios que nenhuma outra criatura humana recebeu: a sua geração não se realizou segundo as leis primitivas da matéria, mais foi o resultado da atuação do *pneuma hagion* (sopro sagrado) e da *dynamis hypsistou* (potência suprema), como refere o Evangelho de Lucas. Houve uma fecundação imaterial em vez de material. Por isto, o corpo de Jesus estava isento de qualquer fragilidade, nem sujeito à morte compulsória.

Mas, segundo a Epístola aos Hebreus, fora disto estava Jesus sujeito a todas as contingências humanas, exceto o pecado. A sua personalidade humana ainda tinha medo do sofrimento e da morte, como consta dos livros sacros.

Quer dizer que a evolução da humanidade de Jesus era incomparavelmente mais avançada do que a de qualquer outro ser humano. E das poucas fraquezas que ainda havia na natureza humana de Jesus libertou-o a consciência do Cristo cósmico, na qual ele se integrou totalmente. Assim entrou ele na sua glória, como afirma aos discípulos de Emaús. Assim consumou ele a sua tarefa terrestre.

Esse exemplo de Jesus pode servir de precedente e exemplo para outros seres humanos. E, se muitos se cristificarem como Jesus, sob os auspícios do Cristo, que está em cada homem, então a humanidade de hoje pode transformar-se numa humanidade gloriosa, sem maldades nem males.

E esta sublimação da humanidade irradiará as suas auras benéficas sobre todos os setores da natureza infra-humana. A natureza, ainda agora sujeita a tantas deficiências, será liberta das suas misérias e acompanhará a evolução ascensional do homem, que já recebeu “as primícias do espírito”.

De vez em quando aparece uma antecipação avançada dessa humanidade do futuro, aparece um homem crístico, como Francisco de Assis. É sabido que os verdadeiros *yoguis* do oriente vivendo em suas cavernas selváticas não são

molestados pelas feras e animais venenosos, porque as suas vibrações altamente positivas neutralizam qualquer vibração negativa. A natureza só é hostil ao homem porque o homem é hostil a Deus. O homem não tem poder sobre a natureza porque não vive sob os auspícios do espírito. Sabemos que as forças da natureza obedeciam a uma simples palavra de Jesus: ventos e mares se acalmavam; a água se transformava em vinho; a luz cósmica do espaço se convertia em pão e peixe; as doenças e a própria morte eram dóceis servidores do Nazareno. Todas as criaturas servem de boa vontade ao homem, quando este entra em harmonia com as leis cósmicas: “Só a Deus adorarás e só a ele servirás.”

Como se vê, há uma grandiosa *simbiose cósmica* em todo o Universo: o Cristo obedece à Divindade; Jesus obedece ao Cristo; se o homem obedecer ao

Cristo como Jesus, as criaturas infra-humanas obedecerão ao homem. Não haverá necessidade que o homem ganhe seu pão no suor do seu rosto; a natureza, de inimigo que é do homem profano, se tornará o melhor amigo do homem sacro e lhe oferecerá tudo de que ele necessitar para sua vida terrestre.

Nesse novo regime cósmico, o homem não trabalhará para viver, que é condenação do ego, mas viverá para trabalhar, que é a glória do Eu divino.

Jesus nunca trabalhou no suor de seu rosto, mas ele afirma “meu Pai age até hoje e eu também ajo”; nunca trabalhou como escravo para poder viver, nem jamais pediu esmola – e levava uma vida perfeitamente humana, sem luxo nem pobreza, porque já entrara na vivência cósmica; a natureza toda lhe era amiga, porque ele era amigo de Deus.

A redenção da natureza, de que fala Paulo, depende da redenção do homem, do homem plenamente remido. Quando o homem for Cristo-remido, a natureza será ântropo-remida.

Por ora, diz o apóstolo, a natureza geme e sofre dores de parto até que nasça o homem crístico, redentor da natureza.

É esta a grande simbiose cósmica que o homem tem de realizar.

ÍNDICE

PRELIMINARES

DO ÁNTHROPOS AO ANÉR E À GYNE

A ORIGEM DO HOMEM À LUZ DA MATEMÁTICA E DA CIÊNCIA

EVOLUÇÃO DO HOMEM À LUZ DA CIÊNCIA

CREAÇÃO E EVOLUÇÃO SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

FECUNDAÇÃO HILOPLASMÁTICA OU BIOPLASMÁTICA

FILHO DE MULHER – FILHO DO HOMEM

“PARA QUE O HOMEM NÃO COMESSE DO FRUTO DA ÁRVORE DA VIDA”

PORQUE O EU CÓSMICO SE FEZ EGO TELÚRICO

A EVOLUÇÃO DO HOMEM À LUZ DA BHAGAVAD GITA

O HOMEM NO ESTÁGIO INTELECTUAL

NOS DOMÍNIOS DO HOMEM MORAL E ESPIRITUAL

O SEGREDO DO CORPO HUMANO VERTICAL

MISTÉRIO DA TRANSFORMAÇÃO BIOLÓGICA DOS NERVOS E SUA FUNÇÃO

LÚCIFER E LÓGOS EM CONFLITO SOBRE A REDENÇÃO DO HOMEM

REDENÇÃO DO INTELECTO PELA RAZÃO

A MISSÃO REDENTORA DO CRISTO INTERNO

VISÃO DO HOMEM CÓSMICO – RUMO À GRANDE LIBERTAÇÃO
DO HOMEM EGO-PENSANTE PARA O HOMEM COSMO-PENSADO E
COSMO-PENSANTE
A VINDA DO CRISTO GLORIOSO
TRANSFIGURAÇÃO DA NATUREZA PELO HOMEM CRÍSTICO



HUBERTO ROHDEN

VIDA E OBRA

Nasceu na antiga região de Tubarão, hoje São Ludgero, Santa Catarina, Brasil em 1893. Fez estudos no Rio Grande do Sul. Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em universidades da Europa – Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor.

Publicou mais de 65 obras sobre ciência, filosofia e religião, entre as quais várias foram traduzidas para outras línguas, inclusive para o esperanto; algumas existem em braile, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirigiu o movimento filosófico e espiritual Alvorada.

De 1945 a 1946 teve uma bolsa de estudos para pesquisas científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em 1946, Huberto Rohden foi convidado pela *American University*, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo *Bureau of Inter-American Affairs*, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de guerra, do inglês para o português. Ainda na *American University*, de Washington, fundou o *Brazilian Center*, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequentou, durante três anos, o *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado em *Kriya Yôga* por Swami Premananda, diretor hindu desse *ashram*.

Ao fim de sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova *International Christian University* (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, por causa da guerra na Coréia, a universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em 1952, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, onde mantinha cursos permanentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Unívérica e Filosofia do Evangelho, e dirigia Casas de Retiro Espiritual (*ashrams*) em diversos Estados do Brasil.

Em 1969, Huberto Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual pela Palestina, Egito, Índia e Nepal, realizando diversas conferências com grupos de yoguis na Índia.

Em 1976, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Nos últimos anos, Rohden residia na capital de São Paulo, onde permanecia alguns dias da semana escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos. Costumava passar três dias da semana no *ashram*, em contato com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário-modelo.

Quando estava na capital, Rohden frequentava periodicamente a editora responsável pela publicação de seus livros, dando-lhe orientação cultural e inspiração.

À zero hora do dia 8 de outubro de 1981, após longa internação em uma clínica naturista de São Paulo, aos 87 anos, o professor Huberto Rohden partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras em estado consciente foram: “Eu vim para servir à Humanidade”.

Rohden deixa, para as gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparados aos dos grandes homens do século XX

RELAÇÃO DE OBRAS DO PROF.

HUBERTO ROHDEN

COLEÇÃO FILOSOFIA UNIVERSAL:

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DA ANTIGUIDADE

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

O ESPÍRITO DA FILOSOFIA ORIENTAL

COLEÇÃO FILOSOFIA DO EVANGELHO:

FILOSOFIA CÓSMICA DO EVANGELHO

O SERMÃO DA MONTANHA

ASSIM DIZIA O MESTRE

O TRIUNFO DA VIDA SOBRE A MORTE

O NOSSO MESTRE

COLEÇÃO FILOSOFIA DA VIDA:

DE ALMA PARA ALMA

ÍDOLOS OU IDEAL?

ESCALANDO O HIMALAIA

O CAMINHO DA FELICIDADE

DEUS

EM ESPÍRITO E VERDADE

EM COMUNHÃO COM DEUS

COSMORAMA

PORQUE SOFREMOS

LÚCIFER E LÓGOS

A GRANDE LIBERTAÇÃO

BHAGAVAD GITA (TRADUÇÃO)

SETAS PARA O INFINITO

ENTRE DOIS MUNDOS

MINHAS VIVÊNCIAS NA PALESTINA, EGITO E ÍNDIA

FILOSOFIA DA ARTE

A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO. AUTOR: JOEL GOLDSMITH

(TRADUÇÃO)

ORIENTANDO

“QUE VOS PARECE DO CRISTO?”

EDUCAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL

DIAS DE GRANDE PAZ (TRADUÇÃO)

O DRAMA MILENAR DO CRISTO E DO ANTICRISTO

LUZES E SOMBRAS DA ALVORADA

ROTEIRO CÓSMICO

A METAFÍSICA DO CRISTIANISMO

A VOZ DO SILÊNCIO

TAO TE CHING DE LAO-TSÉ (TRADUÇÃO)

SABEDORIA DAS PARÁBOLAS

O QUINTO EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ (TRADUÇÃO)

A NOVA HUMANIDADE

A MENSAGEM VIVA DO CRISTO (OS QUATRO EVANGELHOS
TRADUÇÃO) RUMO À CONSCIÊNCIA CÓSMICA

O HOMEM

ESTRATÉGIAS DE LÚCIFER

O HOMEM E O UNIVERSO

IMPERATIVOS DA VIDA

PROFANOS E INICIADOS

NOVO TESTAMENTO

LAMPEJOS EVANGÉLICOS

O CRISTO CÓSMICO E OS ESSÊNIOS

A EXPERIÊNCIA CÓSMICA

COLEÇÃO MISTÉRIOS DA NATUREZA:

MARAVILHAS DO UNIVERSO

ALEGORIAS

ÍISIS

POR MUNDOS IGNOTOS

COLEÇÃO BIOGRAFIAS:

PAULO DE TARSO

AGOSTINHO

POR UM IDEAL – 2 VOLS. AUTOBIOGRAFIA

MAHATMA GANDHI

JESUS NAZARENO

EINSTEIN – O ENIGMA DO UNIVERSO

PASCAL

MYRIAM

COLEÇÃO OPÚSCULOS:

SAÚDE E FELICIDADE PELA COSMO-MEDITAÇÃO

CATECISMO DA FILOSOFIA

ASSIM DIZIA MAHATMA GANDHI (100 PENSAMENTOS)

ACONTECEU ENTRE 2000 E 3000

CIÊNCIA, MILAGRE E ORAÇÃO SÃO COMPATÍVEIS?

CENTROS DE AUTO-REALIZAÇÃO

